



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ
FACULDADE DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
PRONERA

DAQUES SILVA DOS SANTOS ALVES

PRÁTICAS DE ESCRITA NUMA TURMA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

MARABÁ-PA
2010

DAQUES SILVA DOS SANTOS ALVES

PRÁTICAS DE ESCRITA NUMA TURMA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras/PRONERA na Faculdade de Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Pará, Campus de Marabá, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Hildete Pereira dos Anjos.

MARABÁ-PA
2010

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido a graça da realização deste trabalho, pois nos momentos mais difíceis, era Nele que encontrava forças para prosseguir e acreditar que iria vencer esta batalha.

Meus profundos agradecimentos ao MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), por ter me indicado para concorrer uma vaga no curso de letras. Graças a Deus conquistei essa vaga. Tive direito à formação política que é umas das propostas pedagógicas do Movimento. A esse Movimento, construído por milhões de trabalhadores e trabalhadoras ao qual também faço parte, meu respeito e admiração.

A meus pais, Sr. Raimundo Américo Alves e Sr^a. Raimunda dos Santos Alves, por seus incentivos, ajudando-me em todas as dificuldades. A eles, meu carinho, amor e profundo agradecimento por terem me ajudado a chegar até aqui, a ser quem sou; não mediram esforços para contribuir na minha formação. Sem seus incentivos, tenho certeza, que tudo seria mais difícil. Agradeço por suas fiéis presenças em todos os momentos que precisei.

A meu irmão, Francisco das Chagas Alves e família que sempre estiveram do meu lado em todos os momentos da minha vida. Eles são partes desta vitória; lembro-me do incentivo de arrumar o primeiro serviço fora de casa e foi a partir daí que pude prosseguir meus estudos.

Aos meus filhotes João Pedro e Carlos Eduardo, minha fonte de força e vida. Ao meu esposo Lucimar, que também contribui e teve muita paciência para comigo.

À professora Hildete que me acompanhou durante o desenvolvimento do trabalho e incentivava dizendo *está bom isso aqui, mas reflita sobre isto aqui*. Meus sinceros agradecimentos, pois sua contribuição foi primordial na realização deste trabalho.

A todos os professores que contribuíram para que eu chegasse até aqui; com o conhecimento adquirido através deles irei mais longe. A uma professora do ensino fundamental por nome Suely, que muitas vezes foi mais que professora; foi com ela que aprendi que o estudo é um bem que ninguém roubará de mim. Sou o que sou por que fui sua discípula.

À professora Raimunda, por ter cedido sua turma para que fosse realizado o trabalho, sem cuja contribuição eu não teria conseguido.

A todos os meus amigos e familiares que contribuíram direta e indiretamente durante esse percurso de quatro anos e meio. A eles meu profundo respeito, carinho e admiração por toda minha vida.

Há que se alfabetizar para ler o que outros produzem ou produziram, mas também para que a capacidade de “dizer por escrito” esteja mais democraticamente distribuída. Alguém que pode colocar no papel suas próprias palavras é alguém que não tem medo de falar em voz alta.

Emília Ferreiro

Resumo

O objetivo da pesquisa de modo geral foi analisar as propostas de escrita de uma professora de educação infantil que atua numa escola de assentamento, enfatizando o modo como ela lida com a produção da escrita dos alunos de seis anos. Os objetivos específicos foram identificar como acontece o processo de escrita dentro da sala de aula, observando a relação entre o modo como o professor lida com a escrita e como as crianças reagem a ela e relacionando esses processos com teóricos que discutem sobre o assunto.. O trabalho tem como sujeitos a professora e os alunos da Educação Infantil, da escola Centro Educacional e Cultural Madalena Freire. localizada no Assentamento Primeiro de Março, município de São João do Araguaia). A pesquisa se amparou principalmente em Ferreiro (2008), Ferreiro e Teberosky (1999), Soares (2004). Na realização da pesquisa foram utilizadas as técnicas de observação em sala de aula, registro em caderno de campo e entrevistas com a professora. Como resultado da pesquisa, identificou-se que as atividades eram centradas numa metodologia em que os alunos não interagiam na produção da linguagem escrita, havia uma individualização das atividades e estas não eram planejadas de modo a possibilitar a interação e a apropriação de técnicas de escrita. Por isso os alunos reagiam de forma desinteressada. Concluiu-se, portanto, que a concepção dominante de escrita na turma pesquisada era mecânica e fragmentária.

Palavras – chave: educação em assentamentos; séries iniciais; produção escrita.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
O contexto: uma escola municipal no assentamento.....	8
O trabalho de campo.....	12
1. TEORIZANDO A RESPEITO DA PRODUÇÃO ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS. 15	
2. ACOMPANHANDO ATIVIDADES DE PRODUÇÃO ESCRITA NA ESCOLA.....	19
2.1 De que maneira acontece o processo de escrita dentro da sala de aula.....	20
2.2 Os modos como o professor lida com a escrita.....	24
2.3 Como as crianças reagem ao processo de escrita.....	27
2.4 Concepções de escrita do professor.....	31
3. A TÍTULO DE CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa foi realizado no Assentamento Primeiro de Março, numa turma de educação infantil no período de 16 de novembro a 17 de dezembro de 2009. No primeiro instante faço um breve histórico do Assentamento e da escola. A metodologia utilizada foi observação em sala de aula, entrevistas com a professora e análises de dados. Os sujeitos envolvidos na pesquisa foram alunos e a professora da turma de educação infantil. O trabalho de pesquisa deu-se a partir dos seguintes objetivos, como acontece o processo de escrita em sala de aula, como a professora lida com essa escrita e como as crianças reagem a ela. O processo de escrita de forma mecânica e individualizada, a metodologia adotada pela professora não possibilitava a apropriação da técnica da escrita e por isso a reação dos alunos era o desinteresse pelas aulas.

O CONTEXTO: UMA ESCOLA MUNICIPAL NO ASSENATAMENTO

Esta pesquisa foi desenvolvida no Assentamento Primeiro de Março, localizado no Município de São João do Araguaia, Estado do Pará. O Assentamento está situado às margens da Rodovia Transamazônica, km 22 distando a 31 km da sede do município e 16 km da sede do município de Marabá. O mesmo é fruto de um processo de luta dos trabalhadores e trabalhadoras vinculados ao MST.

A ocupação iniciou com cerca de 1300 famílias no dia primeiro do mês de março do ano de 1997. A área em que hoje é localizado o Assentamento Primeiro de Março antes era uma fazenda conhecida por nome Pastoriza, sua área total é de 11.0449,58 hectares. A maioria das famílias assentadas vem de outros estados como Maranhão, Tocantins, Piauí e Ceará, sendo que a maioria é oriunda do estado do Maranhão. No período de regularização do acampamento, os acampados enfrentaram muita dificuldades, principalmente por que não houve nenhum apoio por parte do governo nem tampouco pelo gestor municipal.

Das 1300 famílias acampadas, somente 350 foram assentadas porque muitos não conseguiram passar necessidades como a fome. O início da ocupação foi muito difícil, pois as ameaças por parte dos fazendeiros eram constantes e os conflitos com os

latifundiários eram muito grandes na região. Mas um povo que luta por uma causa justa, no caso a Reforma Agrária, enfrentará conflitos constantemente.

É interessante ressaltar que, ao ocupar a terra, o interesse não se restringe só a ela, mas adquirir outros direitos como educação, saúde, saneamento entre outros, que foi e continua sendo negado pela classe dominante. A educação para o Movimento Sem Terra, é o alicerce na construção de um espaço feito por trabalhadores e trabalhadoras que sonham com uma sociedade mais justa, mais solidária. Compreendo que a educação é fundamental na luta pela terra e que o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), jamais a colocará em segundo plano, por acreditar que os sujeitos se constroem em espaços coletivos, mas que a escola é o complemento dessa construção.

Para trabalhar com a educação foram retiradas pessoas do próprio acampamento, pois as crianças que estavam lá não poderiam ser prejudicadas. As aulas funcionavam debaixo das árvores, depois foi improvisada uma estrutura de taipo, coberta de palha para que funcionasse como espaço físico da escola, pois assim, as crianças não iriam ficar o tempo todo indo para suas casas. Os professores eram voluntários, estes se organizavam como podiam, pois tinham que cuidar da casa, dos seus filhos e dos filhos dos outros. Eles iam até o comércio de Marabá pedir materiais didáticos para lecionarem para os filhos dos acampados.

As dificuldades eram grandes quando acampados: a escola de taipa, teto de palha funcionava a noite com ajuda de geradores de energia, e isso foi um avanço porque antes era a luz de lampião. Em 1999, quando estava no processo de transição de acampamento para assentamento, já havia projetos do INCRA que estavam em andamento, como o projeto Fomento e Habitação. Esses projetos fizeram com que aquelas pessoas ganhassem o direito que está regido em lei, direito à moradia, à educação de qualidade, entre outros. Devido à falta de materiais didáticos e a estrutura física da escola algumas atividades não foram realizadas, o que dificultou o andamento dos trabalhos.

Para compreendermos a preocupação do Movimento com a educação, basta entendermos que é através da escola que os sujeitos constroem suas identidades como sujeitos do campo, valorizando sua cultura e construindo novos valores. Mas não bastava ter uma escola do campo se os educadores não tivessem uma formação, um perfil de educadores do campo. A partir dessa compreensão de que a escola deveria ser do campo, ela precisava travar novas lutas deixando claro que depois de Assentamento,

da conquista da terra, as lutas não seriam mais as mesmas, pois a educação tinha que ser do campo e não no campo.

O Movimento Sem Terra tem a educação em seu sentido mais amplo como o alicerce na construção de uma educação feita por trabalhadores e trabalhadoras que sonham com um projeto de sociedade mais justa, mais solidária para todo país. Compreende-se que a educação é fundamental na luta pela terra e que o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), jamais a colocará em segundo plano, por acreditar que os sujeitos se constroem em espaços coletivos e que a escola é apenas um complemento dessa construção. Os professores do acampamento eram voluntários e se organizavam como podiam, além de cuidar da casa e dos seus filhos, tinham o compromisso de zelar e cuidar dos filhos dos outros acampados.

O setor de educação contava com a ajuda de todos assentados porque as lutas que foram travadas depois que se constituiu Assentamento, estavam mais centralizadas no município de São João do Araguaia. Agora a prefeitura precisava demarcar seu território no que se refere ao apoio na construção da escola. Que só foi construída através de um projeto Federal que beneficiou cerca de sete Assentamentos da Reforma Agrária no Estado do Pará. Quando a escola ficou pronta, iniciaram-se os grandes impasses com a gestão municipal, pois a mesma queria colocar seus próprios professores.

Com o passar dos anos, o Movimento vai perdendo força diante de tantas pressões feitas pela gestão municipal em relação à escola. Mas o Movimento muito bem consistente e bem posicionado lutou muito pela escola por uma educação do campo, onde os sujeitos fossem respeitados como sujeitos do campo, com seus valores e sua cultura. Porém, as lutas foram se enfraquecendo a tal ponto que a escola foi dividida: escola do MST e escola da prefeitura.

No ano de 2001, essa luta ficou mais acirrada porque já havia as Associações e algumas não tinham os mesmos ideais em relação à escola e ao próprio Assentamento. Como as ideologias das Associações eram diferentes iniciaram-se brigas mais internas dentro do Assentamento. O que se sabe, e o que se conta em relação às Associações é que algumas queriam realmente desconstruir o que o Movimento construiu ao longo dos anos e acabariam desestruturando todo Assentamento.

Quando houve a divisão da escola os alunos ficaram indecisos sem saber para onde deveriam ir, qual escola estudar, qual o boletim iria valer, onde iriam parar os documentos escolares, enfim, os pais também ficaram com a mesma preocupação.

Nesse momento, a prefeitura decidiu improvisar uma escola enquanto a outra estava sendo construída. Ele iria construir, mas seria de tábuas, pensando com isso que estaria solucionando o problema, mas ao contrário aumentou. Quando a escola improvisada ficou pronta os pais, professores e alunos do MST ocuparam-na o que causou uma confusão. Como estava dividida entre escola do MST e da Associação as duas queriam o espaço, quando um achava que iria começar as aulas no dia seguinte o outro ocupava o espaço. O tempo foi passando, e os alunos foram os mais prejudicados com toda situação gerada por brigas políticas e pessoais. Até que chegaram a um acordo, a prefeitura indicaria a direção uma vez que era cargo de confiança e os demais seriam professores. Mas nem todos os professores foram contratados porque havia uma briga pessoal entre a nova direção e alguns professores que tomaram partido para trabalhar na escola do MST.

Porém, mesmo tendo feito o acordo, as divergências eram permanentes. Não que elas não fizessem parte dentro de um processo de construção, mas as divergências devem e precisam ser de idéias e não divergências pessoais como de fato eram.

Quando a nova escola ficou pronta, ninguém, de ambas as partes queria ficar na escola de tábuas. Foi outro momento de apreensão para os professores_ quem vai ser contratados desta vez? Porque nesse momento o Movimento havia enfraquecido e não tinha mais força para garantir seus professores e para alguns era o fim de uma luta travada com honestidade onde acabou prevalecendo a lei dos mais fortes, no caso a imposição da prefeitura.

O quadro de funcionários que permaneceu na nova escola foi aqueles que aderiram às posições da prefeitura. Até hoje é assim, quem manda e desmanda são alguns representantes de associações que não têm vínculo com o Movimento Sem Terra, com o apoio da gestão municipal.

A escola onde foi realizada a pesquisa foi construída pela Associação do MST para a realização de reuniões e assembleias. Mas como havia crescido o numero de alunos e a nova escola não tinha espaço para atender cerca de 80 crianças que estavam no período de iniciar a vida escolar, a comunidade se reuniu com o gestor para que ele pudesse ampliar a outra escola, mas ele sempre não dava muita importância para

aquelas discussões. Então, a comunidade se reuniu e transformou o espaço onde funcionavam as reuniões do MST numa creche (como a chamam), fizeram uma coleta onde os pais foram colaboradores e construtores assíduos daquele espaço. Naquele momento não obtiveram muita ajuda da Prefeitura, já tinham tentado várias vezes, mas o gestor não priorizou a construção daquele espaço.

Contudo, a escola foi construída em um espaço cedido temporariamente pelo MST enquanto a prefeitura se organizava para ampliar a nova escola ou até mesmo construir outra com uma estrutura melhor, pois a que foi improvisada pela comunidade era construída de tábua e coberta de telha, era dividida em seis cômodos, quatro salas de aula, uma secretaria e uma cozinha. A escola não tinha um espaço para as crianças fazerem suas refeições nem tão pouco uma área de lazer com brinquedos educativos esportivos. A única contribuição da prefeitura foi a construção de dois banheiros.

No período pesquisado, a escola funcionava em dois períodos manhã e tarde, contava com o quadro de 11 funcionários, sendo, quatro professores, dois vigias, quatro serventes e uma professora responsável. No que se refere ao nível de formação dos professores apenas dois estão fazendo graduação, os outros têm apenas o magistério.

No Assentamento residem muitas pessoas que não fizeram parte do processo de ocupação e justamente estas pessoas dizem serem ante Movimento. Mesmo com toda essa problemática o Assentamento comemorou agora em 2009 seus 13 anos de existência. Todo ano comemora-se seu aniversário no dia 1º de Março. Nesse momento as Associações se juntam para festejar a grande conquista com muito churrasco durante todo o dia para a comunidade em geral e para os visitantes. Torneio de futebol com times da região e o momento mais esperado é a noite, pois acontece no espaço que futuramente será construída uma praça, um grande baile dançante onde todos se concentram para comemorar suas conquistas, sejam elas individuais ou coletivas.

O TRABALHO DE CAMPO

Neste trabalho, pesquisei o modo como a professora trabalhava a produção da escrita em sala de aula e como as crianças reagem a essa produção. A pesquisa envolveu professores e alunos de uma turma de 6 anos de idade da educação infantil. A

pesquisa levantou alguns problemas: Como o professor trabalha a produção escrita na sala de aula e como as crianças lidam com a produção escrita?

Optei por essa pesquisa porque sempre me intrigou o motivo pelo qual muitas crianças saem da alfabetização, ou melhor, da educação infantil sem serem alfabetizadas, chegando numa série mais avançada sem conseguirem ler e até mesmo escrever seu próprio nome. Esta é uma questão emblemática que não está relacionada somente ao campo, mas também à cidade.

Observei que existem alguns problemas sobre os quais poderão ser refletidos a partir desta pesquisa. Segundo Ferreiro, a escola precisa cumprir com sua tarefa alfabetizadora, porque ao contrario, estará aumentando o número de analfabetos, ou seja, discriminando ainda mais os grupos sociais que precisam que a mesma os alfabetize. (2008, p.20).

A pesquisa está fundamentada em elementos teóricos que poderá esclarecer os problemas que giram em torno de algumas questões acima citadas. Durante o período em que passei trabalhando no Assentamento, percebi que as crianças passavam quatro horas na escola, praticavam a produção escrita, mas a produção da linguagem escrita não era trabalhada como função de aquisição da escrita, ou seja, o aluno não era levado a perceber a importância da produção da língua escrita, pois ele era somente um mero copiado. Talvez porque alguns profissionais da educação que estavam atuando não tinham a produção escrita como um elemento essencial para ampliação do conhecimento e a construção de um sujeito capaz de compreender a sociedade e suas contradições. Ainda observei que os níveis de escolaridade dos professores eram parecidos, pois a maioria tinha somente o magistério. A única que estava cursando nível superior em pedagogia era a professora responsável pela escola e ela não estava atuando em sala de aula.

O objetivo abordado na pesquisa de modo geral foi observar como a professora trabalhava a produção da linguagem escrita em sala de aula, como ela inseria essa escrita no contexto escolar dos alunos de seis anos. Os objetivos específicos foram: identificar de maneira acontece o processo de escrita na sala de aula, observando a relação entre o modo como o professor lida com a escrita e como as crianças reagem a ela e relacionando esses processos com teóricos que discutem o assunto.

A turma pesquisada foi montada com 27 alunos, mas freqüentes tinha 21 alunos, 13 destes eram meninos e 8 meninas. A sala não possuía mural, os trabalhos dos alunos

eram fixados em cordão de tecido dentro própria sala, depois eram retirados para serem colocados outros. As cadeiras eram organizadas como cada um achava melhor, uns preferiam em fileiras outros em círculo. A professora da turma que irei chamar de Ana, tem 46 anos, sua formação é em Magistério e estava cursando ensino superior em Pedagogia em uma Faculdade particular na cidade de Marabá, pois segundo ela, é complicado ficar esperando a formação que a secretaria de Educação do Município proporcionava e que não era de qualidade. A professora relata que não trabalha a produção de texto, mas com ditado de palavras do cotidiano do aluno. Os únicos textos que eram trabalhados eram pequenas lendas e parlendas que eram colocadas do lado da trefinha¹, depois escrito na lousa para que todos pudessem ler coletivamente, mas sem serem explorada devidamente, como se espera que um texto seja explorado por um profissional da educação.

A pesquisa de campo foi centrada em observações em sala de aula e em entrevista com a professora. As observações foram registradas em um caderno que denomino (caderno de campo), e a entrevista foi gravada e transcrita para análise de dados. O período da pesquisa foi de 16 de novembro a 17 de dezembro de 2009. Foram observadas 10 horas aulas em dias alternados.

Esta pesquisa foi mais direcionada ao modo como a professora trabalhava o processo de produção da linguagem escrita e como esse processo era vivenciado pelas crianças na sala de aula. O referencial teórico serviu fundamentalmente para ajudar a refleti acerca das as questões acima citadas. Pode também dar subsídios para que os professores vejam que o processo de produção da linguagem escrita pode contribuir de forma positiva para vida cotidiana dessas crianças. Segundo Ferreiro a aquisição da linguagem escrita ocorre de diversas formas uma dela é que “através de uma lista de compra lhes é transmitida funções da língua escrita (serve para ampliar a memória, como lembrete para avaliar a memória”2008, p.19).

Nessa perspectiva de que a escrita nos traz a garantia de ampliação do conhecimento, é que ela sempre deve ser estimulada de maneira que o aluno sinta o desejo de utilizá-la no seu cotidiano como forma de libertação.

No primeiro capítulo do trabalho, fiz uma revisão bibliográfica, a qual apresenta uma pesquisa feita recentemente na área da produção da escrita em sala de aula. E

¹ Nome usado para se referir a exercícios e atividades mimeografadas.

recorro a algumas autoras para embasar a pesquisa mais profundamente, Ferreira (2008), Ferreira e Teberosky (1999) e Soares (2004).

O terceiro capítulo apresenta a análise dos dados colhidos fazendo relação com os teóricos que já discutem o assunto. Sempre procurando responder os objetivos propostos de como acontece o processo de produção da linguagem escrita dentro da sala de aula, como a professora lida com esse processo de escrita e como as crianças reagem e esse processo.

1. TEORIZANDO A RESPEITO DA PRODUÇÃO ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS

O processo de produção da linguagem escrita no início da vida escolar da criança pode ser complexa porque essa produção vai para além da fronteira escolar, pois está inserida em um contexto de desigualdade social, onde os cidadãos não são sujeitos autônomos, críticos, capazes de refletir sobre a qualidade de vida, no que se refere a vida social, econômica, política e cultural. Diante disso, a escola pode propor a esses sujeitos que o processo de produção da linguagem escrita é um aspecto importante dentro da educação brasileira e que a escola possa propor aos sujeitos um conhecimento autônomo que lhes foi e de certa forma ainda é negado pela classe dominante.

Silva e Ferreira (2007), em trabalho intitulado *As Práticas de Leitura na Educação de Jovens e Adultos em Turma do Programa Brasil Alfabetizado*, afirmam que “os diversos objetivos da leitura, como por exemplo, ler para seguir instruções, ler por prazer etc. influenciam na maneira de ler, que estão ligados aos diferentes gêneros textuais.(op. cit 2007, p.5). A escola precisa ter consciência de que sua função também é social, ou seja, deve estar sempre propondo inovações no campo da educação, transformando o ambiente escolar no espaço prazeroso, onde as crianças se sintam capazes de produzir a escrita sabendo que ela será considerada e respeitada pelo professor.

O que ocorre com os alunos de séries iniciais também causa preocupação porque são reduzidas as oportunidades de produção da linguagem escrita, por exemplo, dentro das atividades de matemática (o aluno precisa saber contar e resolver as operações), e língua portuguesa (são julgados as vezes de maneira pejorativa “burros”, por não saber ler e escrever gramaticalmente correto).

Partindo desse pressuposto, a escola tem refletido pouco sobre sua postura em relação ao aluno, porque ainda não consegue lidar com a heterogeneidade que perpassa a sala de aula, ou melhor, uma sala homogênea pressuporia que o planejamento está dando certo. A escola ainda não percebeu ou faz de conta que não vê que a heterogeneidade não depende de classe social, econômica, política e cultural, ela existe porque somos seres humanos que agimos e pensamos de forma diferente e por isso deve ser levada em consideração pela escola.

Segundo HEAT (*apud* MIRANDA, 1992), a escrita como qualquer outro mecanismo tem suas funções, as quais pode-se refletir, pois cada dia que passa nos deparamos com textos escritos de diferentes ordens e nossa tarefa é mostrar para os alunos que a escrita se faz presente em nosso convívio social, seja através dos diversos tipos de textos, da fala, da escuta e claro do ato de escrever.

Ferreiro afirma que a escola, como instituição, no decorrer do tempo “operou uma transmutação da escrita”:

Transformou-a de objeto social em objeto exclusivamente escolar, ocultando ao mesmo tempo suas funções extra-escolares: precisamente aquelas que historicamente deram origem à criação das representações escritas da linguagem... a escrita é importante na escola porque é importante fora da escola, e não o inverso”. (2008,p.20-21).

Ferreiro ressalta que a linguagem escrita exerce uma função independente de estar ou não dentro de escola, e que por isso a escola não pode apropriar-se dessa linguagem escrita como sendo a da escola a linguagem mais importante. Desde cedo, antes de ir a escola a escrita já faz sentido para a criança. Por tanto, a escola deve ser o espaço para que essa criança possa terminar de se alfabetizar. Ainda segundo Ferreiro:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de se alfabetizar na escola... Porém há outras crianças, precisamente aquela que vem de classe pobre que necessitam da escola para apropriar-se da escrita(2008, p. 23).

A questão de a criança terminar de se alfabetizar na escola vem de encontro ao que Soares e Labov afirmam que é o fato de que as crianças pobres, que necessitariam mais da escola para a aquisição das primeiras noções de escrita, sofrem mais com o fracasso escolar. Esse fracasso escolar não pertence a um dado grupo social, mas a questão já está tão imbricada em nossa sociedade que uma classe sobrepõe-se a outra

que ao falarmos em fracasso escolar esquecemos de dizer que nós somos falantes da mesma língua e que independentemente a qual classe social pertencamos o fracasso escolar vai existir, talvez com mais ou com menos intensidade.

... o fracasso escolar em alfabetização maciçamente concentrado nas crianças pertencentes às camadas populares, não há como negar que esse fracasso se deve, fundamentalmente, aos problemas decorrentes da distancia entre a variedade escrita do dialeto padrão e os dialetos não padrão de que são falantes essas crianças (2004, p.64).

Para Bagno (2002), trabalhar o domínio de norma culta como um instrumento de ascensão social na verdade é meramente uma forma de preconceito lingüístico, “o mero domínio da norma culta não é uma fórmula mágica que, de um momento para outro, vai resolver todos os problemas de um indivíduo carente”. (2002, p. .70-71).

O que estou querendo dizer é que um indivíduo que não domina a norma culta deve se excluir de um meio social, pois a língua é uma só, mais os dialetos são as variações da língua. Onde quero chegar com isso? Dizer que o processo de produção da linguagem escrita pode ocorrer a partir das variações dialetais onde o sujeito está inserido.

Como nos afirma ainda Ferreiro: “o direito a alfabetização não pode significar menos que o direito à saúde, pois enquanto uns desfrutam uma atenção diferenciada tanto na saúde como na educação, outros tem em ambas uma atenção de péssima qualidade”. (2008, p.58).

Soares (2004), discutindo a questão da escrita, afirma que, “para o ensino de língua portuguesa, há três concepções de língua e suas respectivas implicações para esse ensino. Até a década de 50 a língua era vista como expressão do pensamento,... para se expressar o pensamento era preciso falar bem e escrever bem...”.

Na década de 60, a língua passa a ser vista como instrumento de comunicação. Devido à situação política do país na época, era muito mais interessante que os alunos das classes populares aprendessem apenas a codificar e decodificar signos, mas não dotá-los de compreensão e visão socio-histórica de língua. Na década de 90, entra em cena no quadro de ensino de Língua Portuguesa a visão da língua sóciointeracionista. “A língua, nesse momento, é vista como uma atividade dialógica. Ela passa a ser, ao mesmo tempo, sociohistórica e ideológica” (BARBOSA; SOUZA, 2006, p. 16).

Existem professores que impingem aos alunos a língua padrão, ignorando o que já trazem internalizados de sua convivência familiar, de seus bairros etc, ou seja, fazem com que os alunos reprimam aquilo que já trazem de casa. Bagno (1999) discute isto também como preconceito lingüístico, ou seja, quando a escola prioriza uma fala e desfaz-se de outra. Faz-se necessário que toda instituição que trabalham com educação ou cultura reconheçam a existência de uma grande diversidade lingüística. Com isso, não irá discriminar ainda mais a população que está à margem da linguagem padrão. As instituições devem ter consciência de que os alunos não devem abandonar sua língua, sua cultura etc. para aderir a uma língua que nos foi imposta desde a colonização até os dias atuais, mas valorizar os falares, os dialetos existentes em toda comunidade de falantes. Dessa forma a comunidade desprivilegiada terá a oportunidade de ascensão social com direito à cultura, adquirindo assim seu prestígio.

Ainda nos afirma Soares:

Não é difícil inferir de tudo isso mais uma explicação *lingüística* para o fracasso das crianças das camadas populares na escola: enquanto as crianças das classes favorecidas vêem essa instituição como um espaço e um tempo de aprendizagem, já que, para eles, a língua é aí usada predominantemente com função *representativa*, as crianças das camadas populares vêem como um espaço e tempo de “modelagem” de seus comportamentos sociais, pois, para elas; a língua tem, na escola, uma função predominantemente *reguladora*. (2004, p.70).

Compartilho com a autora quando diz que no processo de alfabetização é necessário uma linguagem verbal adequada, mas isso não quer dizer que devemos favorecer uma língua e desfazer-nos de outra. Por tanto, a oralidade é um meio pelo qual devemos estimular a escrita de nossas crianças, para que elas possam dominá-la, questionando o mundo em que vivem, onde a escrita possa tornar-se um ato de reflexão e prática permanente. Segundo Vigotsky:

A leitura e escrita devem ser algo que a criança necessite... ou seja, a escrita é ensinada como uma habilidade motora e não como uma atividade cultural complexa. Portanto, ensinar a escrita nos anos pré-escolares impõe, necessariamente, uma segunda demanda: a escrita deve ser “relevante à vida (1991, p.133).

Ferreiro e Teberosky (1999, p. 19) questionam exatamente a ausência de vida em certas práticas pedagógicas, nas quais a “aprendizagem da leitura e da escrita é uma questão mecânica; trata-se de adquirir a técnica para o decifrado do texto”, sendo que

“ler equivale a decodificar o escrito em som”. Mostram que há todo um processo de internalização do sentido da escrita, que passa do desenho para a escrita propriamente dita. As autoras acrescentam que “ler não é decifrar; escrever não é copiar”.

Partindo dos pressupostos de que “ler não é decifrar” e “escrever não é copiar” é que foram analisados no presente trabalho as práticas docentes referentes ao processo de produção da linguagem escrita na fase inicial da criança, levando em consideração seus aspectos sociais e culturais.

2. ACOMPANHANDO ATIVIDADES DE PRODUÇÃO ESCRITA NA ESCOLA

O presente trabalho foi realizado em uma turma de educação infantil em uma escola pública da rede municipal. No primeiro momento, o trabalho foi de observação em sala de aula para obtenção de dados sobre a forma como a professora realizava suas práticas em relação ao processo de produção da linguagem escrita. O segundo momento foi feita duas entrevista com a professora.

As observações aconteceram durante a segunda quinzena do mês de dezembro de 2009. As atividades que observei eram individualizadas (a professora escrevia no caderno de cada aluno) e puramente mecanizadas, centradas no quadro, giz e caderno. Diante disso, perguntei a professora se ela utilizava a produção da linguagem escrita? Ela simplesmente respondeu que não trabalhava com produção de textos, a não ser lendas e parlendas que eram colocadas no cantinho da tarefa mimeografada.

A professora compreendia a importância de trabalhar a linguagem escrita, mas não sabia como trabalhar, uma vez que eles não tinham uma formação continuada para que pudessem ter uma interação mais próxima dos alunos. Por isso achava que o ensino da linguagem escrita se restringia num ditado de palavras, ou seja, na decodificação das letras e sons.

Atualmente se fala tanto em formação de professores, mas os municípios pouco ou quase nada têm feito para que seja garantido esse direito que os professores têm de se

qualificarem. Geralmente, aqueles que podem pagar faculdades particulares para se formar, (é o caso dela) conseguem se qualificar. Porém, isso não justifica o fato de ela não trabalhar ou não saber trabalhar com a produção da linguagem escrita, uma vez que está fazendo licenciatura em pedagogia.

Em alguns momentos a professora deixava todos muito a vontade, enquanto uns cumpriam com sua responsabilidade, outros levavam tudo na brincadeira. Talvez por não saberem realmente o que estavam fazendo ali, como a própria professora falou *eles são muitos pequenos e não sabem direito o que querem*. E por acreditar nisso, ela também deixava de cumprir com sua responsabilidade enquanto mediadora dentro do processo de ensino aprendizagem.

Contudo, acredito que os alunos quem vêm para escola porque necessitam aprender em sua totalidade o que significa essa produção da linguagem escrita, uma vez que já sabem falar, mas não sabem transcrever sua fala, ou seja, saber que tanto a fala como a escrita tem sua importância que vai para além das paredes da escola, do quadro e giz e dos conteúdos.

Considerando os objetivos deste trabalho, organizei os dados da seguinte maneira. 1- De que maneira acontece o processo de escrita dentro da sala de aula, 2- Os modos como o professor lida com a escrita, 3- Como as crianças reagem ao processo de escrita, 4- Concepção de escrita do professor. No primeiro item, parti do princípio de como é trabalhada pelo professor a produção da linguagem escrita dentro da sala de aula. No segundo, que relação é estabelecida no momento da produção da linguagem escrita. No terceiro item, tentar identificar como as crianças reagem diante do que lhes é proposto, a produção da linguagem escrita e o quarto e último item, tentar compreender que tipo de concepção de produção da linguagem escrita a professora tem e como é trabalhado isso em sala de aula.

2.1. DE QUE MANEIRA ACONTECE O PROCESSO DE ESCRITA DENTRO DA SALA DE AULA

Esta pesquisa teve como foco principal identificar como acontece o processo de escrita das crianças com faixa etária de seis anos. Foram identificadas algumas características que podem estar relacionadas com a má produção da escrita dessas crianças nas séries iniciais.

A primeira característica observada é uma individualização de tarefas, pois a professora escreve no caderno de cada um não havendo assim, interação entre os alunos.

a professora ainda estava em sala fazendo atividade no caderno de alguns alunos e pediu que aguardasse um pouco. Sentei e fiquei observando a professora que enquanto escrevia algumas palavras no caderno dos alunos, eles corriam e pulavam no pátio da escola, quando ela terminava um caderno chamava o aluno, entregava e liberava para ir embora (diário de campo).

Observei também, nesse momento, uma falta de relação com o momento de aprendizagem da criança. Segundo Ferreiro (1999), para que haja uma boa aprendizagem é necessário que o professor possibilite aos alunos uma interação com o que está sendo trabalhado, pois só assim as crianças terão a oportunidade de aprender interagindo com as demais.

Em outro momento da aula a professora deixa transparecer que não houve um certo planejamento, pois reorganizava as tarefas cobrindo com caneta as que não estavam legíveis (se tivesse preparado a aula tinha feito isso antes de iniciar a aula). A tarefa era de matemática e a professora tentava estabelecer uma interação com os alunos fazendo com que eles percebessem contando juntos se o que prevalecia na sala eram mais meninos ou meninas. Ao realizar essa atividade, fiquei a pensar se aquela aula não estava relacionada às perguntas que fiz a ela durante a entrevista.

Quando a professora termina de entregar a atividade que é de matemática ela pergunta: quantos alunos têm na sala? Os alunos foram contando e chutando 12, 14, 17, 20 e ela pede para contarem coletivamente 16 alunos. *Quantos meninos?* Começam a contar 8,6, 5. *Vamos contar novamente.* A professora começa a contar *um menino dois menino,, três menino, quatro menino, cinco menino, seis menino, sete menino. Tem sete menino e quantas meninas?* Os alunos foram contando 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, a professora pergunta: *será?* Contam novamente 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 *ah! então tem nove meninas,* enquanto isto ela escreve no quadro armando a continha (diário de campo).

Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam que tanto os números quanto as letras podem ser lidos, basta que compreendamos que os números pertencem a um sistema de escrita diferente do sistema alfabético. E nesse momento a professora não tenta fazer

com que as crianças compreendam esse processo, o que ela quer mesmo é cumprir com seu “conteúdo programático”, se é que tem, porque segundo ela as formações² feitas com eles são raras, quase não acontecem. Então, eles mesmos “fazem o planejamento”

A professora até tenta trabalhar levando em consideração a heterogeneidade da turma, mas a meu ver não consegue porque mesmo sendo uma atividade de matemática, ela deveria ter trabalhado a questão da produção da escrita, mesmo sendo uma atividade com números teria como ela trabalhar a produção da linguagem escrita, ou seja, escrevendo o nome dos números, mas ela não faz. Segundo Ferreiro e Teberosky, precisa-se compreender que “os números estão escritos num sistema de escrita diferente do sistema alfabético utilizado para escrever as palavras”. (1999, p. 51). Os números são trabalhados como mera atividade mecanizada, ou seja, somente para aprender a contar e memorizar.

Quanto à forma de produção da linguagem escrita, a professora confessa que trabalha o ditado de palavras, ditando sílaba por sílaba, até ditar toda a palavra, porque os alunos não conseguem segundo a ela, relacionar o som com a palavra, portanto, não sabem escrever a palavra toda. Quando ela pronuncia toda a palavra os alunos não escrevem correto, fica faltando letras.

eu trabalho mais com eles ditados só que eu num tem ((não entendi)) não sei se é pela idade ou se é eu que não sei pouco e não tem muito rendimento () alguns fazem o ditado, / alguns fazem, né/ eu vou ditando sílaba, o ditado que faço com eles não é um ditado de palavras eu faço o ditado é de palavra mais formado por sílaba eu falo primeiro uma sílaba depois outra sílaba por que eles ainda não tem MUIta assim::: muito desenvolvimento pra ta pra mim dizer a palavra qual é, eles sabe falar sabe o som da palavra mais ainda não sabe escrever a palavra toda, se eu falo a palavra toda eles não escreve correto eles deixa faltando letras sempre falta um letra duas as vez até três letra eles deixa faltar na ((não entendi)) eu sempre faço de três letra e de quatro as palavrinhas com eles, né/ dificilmente eu coloco de seis (fala da professora/entrevista).

Perguntei quantas vezes ela trabalhava com o ditado de palavras, ela respondeu:

tem semana que a gente trabalhamos três vezes, tem semana que a gente trabalhamos duas e tem semana que a gente faz a semana TOda

² Momento em que os professores reúnem-se para estudar a proposta curricular da escola e planejar as ações a ser desenvolvidas pela mesma.

todo dia é a primeira atividade é o ditado ai depois do ditado a gente faz a atividade (fala da professora/entrevista).

nem sempre,, nem sempre mais tem vez assim que eu utilizo tem dia (não compreendi) a gente faz ai depois a gente vai contar as letrinhas né conta as palavrinhas pra ver quantas palavrinhas nós formamos conta as letrinhas que tem em cada palavrinha as vezes eu utilizo (+) mais NÃO SÃO SÓ (fala da professora/entrevista).

Percebi que durante a entrevista a professora se contradiz. Primeiro ela diz que os alunos não conseguem relacionar o som com a palavra, depois diz que eles sabem relacionar o som com a palavra, só não sabem escrever. *...o ditado é de palavra mais formado por silaba eu falo primeiro uma silaba depois outra silaba por que eles ainda não tem MUItto assim::: muito desenvolvimento pra ta pra mim dizer a palavra qual é, eles sabe falar sabe o som da palavra mais ainda não sabe escrever a palavra toda...* Não sei ao certo, mas a professora fica em duvida se os alunos sabem ou não sabem relacionar o som da palavra com a própria palavra.

Os textos que são trabalhados aparecem nas tarefas de forma reduzida, depois o texto é lido e escrito no quadro para os alunos lerem. Dali são retiradas algumas sílabas que a professora acha que precisam ser trabalhadas. A partir dessas sílabas são formadas as palavras, mas essas palavras não formam textos.

eu trabalho com texto mas aquele (+) aquele TEXto que eu faço a tarefinha e escrevo um textozinho do lado tipo uma lenda uma parlenda piquinininha ou que seja uma historinha mesmo mas curtinha do lado aí eu 'trago eu leio pra eles depois eu escrevo no quadro e nós faz a leitura juntos dali eu vejo se dá pra tirar algumas silabas ou algumas outras palavrinhas que vai daquela silaba formar LÁ na frente esse tipo de coisa mas na hora de produzir um texto não (fala da professora/entrevista).

A meu ver a professora não considera o ditado como uma atividade aonde os alunos sejam capazes de expressar seus sentimentos (os alunos poderiam ditar as palavras ao invés da professora dita-las). Mesmo sendo trabalhado todo dia ou três vezes na semana, o ditado feito não parece ter uma finalidade mais objetiva, a não ser uma mera atividade mecanizada.

Em relação ao trabalho oral desenvolvido em sala a professora pede para cada aluno contar sua própria história e ela escreve no quadro com eles, outras vezes fica

somente na roda de conversa. Esse momento não é explorado pela professora para produção da escrita. Não estou querendo dizer que não seja válido trabalhar a oralidade, mas trabalhá-la de forma que esta oralidade possa ser transformada em produção da linguagem escrita.

oralmente eu trabalho aSSIM pra cada um contar sua própria história as vezes eu escrevo lá com eles; é as vezes eu escrevo no quadro (+) e as vezes fica só na roda de conversa cada um conta a sua história aí depois a gente vai fazer a nossa oração ai canta algumas musiquinhas e vai começar as nossas atividades (fala da professora/entrevista).

Perguntei a professora o que era feita com as atividades produzidas pelos alunos, se existia algum mural onde eram expostos os trabalhos, ela responde:

o mural que nós temos é este cordãozinho que a gente põe atividade não é todas é só aquelas assim que a gente alguma assim mais diferenciada a gente coloca muitas vez da banDERIA da Arvore alguma assim multicolage de de revista de jornal que agente faz as vezes a gente cola passa o dia a gente tira mais o mural que a gente tem é esse aí o cordãozinho (fala da professora/entrevis

Observei que as atividades de produção dos alunos expostas numa espécie de fio que a professora chama de cordãozinho, eram somente de pintura e colagem e que também nem todas as atividades vão para a exposição, somente aquelas que são mais relevantes, como frisa acima. Observei também que poucas pessoas tinham acesso a essas produções. Percebi que a professora tem um cuidado com os trabalhos que deveriam ser feitos em casa. Ao entrar em sala já perguntava logo quem fez? Todos os dias segundo ela, são feitas as correções dessas atividades em sala e sempre gosta de deixar claro para os que não costumam fazer que, tem que fazer atividade, se não fez em casa tem que fazer dentro da sala de aula.

todos os dias quando eles chegam eu procuro ver se eles fizeram as atividades correção aquele que não faz eu boto pra fazer enquanto eu to com os outros fazendo as atividades aquele que não fez a atividade vai fazendo a sua atividade (fala da professora/entrevista).

A partir desses dados percebi que o processo de escrita se dá de forma individualizada, (os alunos realizam suas atividades sem interagir com os demais); mecânica, (os alunos “produzem” de forma repetitiva); e com pouco planejamento, (as aulas são planejadas conforme o que a professora acha relevante).

2.2. OS MODOS COMO O PROFESSOR LIDA COM A ESCRITA

Durante a entrevista, a professora fala que o momento para ela é de formação, de conhecimento para o desenvolvimento de suas práticas pedagógicas. Logo depois a professora passou uma atividade, mas acabou não respeitando o tempo de realização da mesma, ou seja, ela se baseou por aqueles alunos que já tinham terminado a tarefa, tanto a que foi entregue mimeografada quanto a feita no caderno.

a professora levanta anda na sala e somente depois entrega a tarefinha para ele; Logo depois ela copia os números de 1 à 20 no quadro e chama os alunos para contarem coletivamente. Ao mesmo tempo em que os alunos respondiam a tarefa ela chamava atenção deles para contarem os alunos presentes na sala e depois lerem os números no quadro (caderno de campo).

Diante dessa fala, penso que a professora não tem o momento de lazer como um espaço de aprendizagem, mas como uma forma de pagamento ou recompensa pelos alunos terem feito as atividades do dia anterior. Diante disso, nos afirma Perrotti: Por ser a escola um agente fundamental de socialização, é imprescindível, pois, que se compreenda o aspecto lúdico por uma outra dimensão, além da instrumental: o lúdico pode e deve ser *essencial*. (1995, p.27).

Observei no momento da entrevista que a professora estava lisonjeada pelo fato do trabalho de pesquisa ter sido desenvolvido na turma dela, mas penso que não ficou bem claro para a professora que não havia escolhido a pessoa dela, mas a turma com a qual ela estava trabalhando turma com faixa etária de seis anos. Na fala da professora ficou bem visível. *Obrigada por você ter me escolhido* (fala da professora/entrevista).

Ao final da aula a professora fez esta fala direcionada aos alunos, confirmou assim, sua compreensão sobre o momento de se trabalhar o lúdico.

tchau até amanhã. Ah! vai ter muita brincadeira amanhã por isso que tem que fazer a atividade hoje, amanhã é só brincadeira (caderno de campo).

Nesse momento, a professora deixa os alunos à vontade para fazerem suas atividades que acontecem em dupla ou em trio. Percebi que a produção escrita de texto

não era feita diariamente. Na fala abaixo ela diz que o ditado tinha/tem um objetivo. Mas quando presenciei esse ditado vi que não era produtivo, mas reprodutivo, ou seja, uma atividade totalmente mecanizada. A fala da professora comprova isso *o ditado geralmente o nosso ditado é palavrinha conhecida que ele conhece tipo DAdo dedo CANEta assim essas palavrinhas que eles conhece PAto GAto eu utilizo por que eu sei que eles conhecem por que eu acredito que seja mais fácil pra eles.*

A professora fala: *objetivo do ditado é desenvolver o conhecimento, a leitura e a escrita dos alunos.* Mas não foi isso que percebi. Porque ela fez o ditado depois o corrigiu fazendo as alterações cabíveis das palavras dentro de suas concepções de certo e errado.

não formação de texto E::u não vou falar uma coisa que eu falo e você vem aqui comigo e com eles você não vai ver eu falo uma coisa se eu te falar você vai vim e vai VER (fala da professora/ entrevistada).

o objetivo é que eles ((não compreendi)) desenvolver o conhecimento a leitura certo e a interação deles com a escrita e que eles venham aprender a leitura por a gente faz o ditado depois a gente vai corrigir pra ver o que ta certo o que ta errado quem não copiou correto né,, e o que precisa modificar (+) então o objetivo é desenvolver as duas coisas ((não compreendi)) a leitura a escrita deles né ((não compreendi)) esse é o objetivo (fala da professora/entrevista).

A professora é consciente de que o método mais fácil para uma criança aprender seja através da ludicidade, pois eles aprendem brincando e os alunos produzem mais e é menos cansativo, ou seja, o processo de aquisição da linguagem escrita torna-se uma atividade mais prazerosa, apesar de ser dolorosa. Segundo Perrotti o lúdico é *essencial* no processo de alfabetização. (1995). Isso deve ocorrer de forma que os alunos desenvolvam sua capacidade de raciocínio lógico, teste sua resistência etc, mas para isto, o professor deve propiciar aos alunos atividades que lhes façam sentir prazer, mesmo quando o que é proposto seja um processo doloroso.

Toda semana eles saem da sala para realizar brincadeiras como: roda, bambolê, do coelho na toca e a do sapo, estas são as brincadeiras de que eles mais gostam de fazer, pois são brincadeiras do dia a dia, segundo a professora, quando são propostos eles as aceitam muito bem. Mas além da brincadeira os brinquedos exercem um papel essencial na vida da criança é o que Vigotsky afirma:

No brinquedo, a criança projeta-se nas atividades adultas de sua cultura e ensaia seus futuros papéis e valores. Assim o brinquedo antecipa o desenvolvimento com ele a criança começa a adquirir a

motivação, as habilidades e as atitudes necessárias à sua participação social, a qual só pode ser completamente atingida com a assistência de seus companheiros da mesma idade e mais velhos (1998, p.173).

Não sei ao certo se realmente eles gostam de brincar do lado de fora da sala e com os brinquedos que a professora diz levar para sala de aula ou se eles querem mesmo é livrar-se da sala de aula. Pelo que diz a professora, parece mais um refúgio mesmo, porque é um espaço onde eles gastam toda sua energia, coisa que não é possibilitado dentro da sala de aula.

(+) olha eu acho assim que o método que utiliza jogo, brincadeira se torna mais fácil por que eles aprende brincando pra eles não é cansativo

((não compreendi)) quando tem jogos eu acho que é bem mais:: produzi''vo e menos cansati''vo e mais prazerosa pra eles((não compreendi)) aqui tem algumas que eu:: eu confeccionei é tanto que no dia que é isso AVE MA::ria pra eles é uma coisa muito boa por que pra eles é uma brincadeira alegria que só (fala da professora/entrevista).

isso sim a gente trabalha,, geralmente toda semana a gente faz um trabalho de recorte e colagem ou recorte de numero ou de letra ou então cubrir um desenho com uma bolinha,, uma arvore uma bandeira de bolinha de papel ou outra atividade ou a pintura com arte pra eles fazer pintura por que não tem pincel eles pinta com o dedim ou cubrindo o próprio nome com a tinta guache (fala da professora/entrevista).

toda semana a gente tem a brincadeira lá fora né brincadeira de roda, quando tinha bambolê tinha de bambolê a gente pedia emprestado tinha de bambolê, tinha brincadeira do:: do coelho sai da toca que eles gostam muito que é brincadeira que é lá fora né que as vezes a gente utiliza brincadeira de roda eles gostam muito de brincadeira de roda, do SApo são atividades que eles gostam né no dia que a gente propõe eles aceitam bem (fala da professora/entrevista).

Percebi que a professora até tenta trabalhar a ludicidade com os alunos, porém deixa muito a desejar porque as brincadeiras utilizadas treinam a agilidade física e esforço corporal dos alunos e não sua capacidade de raciocínio lógico, de interação oral. Não que isto não seja necessário, mas é preciso canalizar isto para a produção da linguagem escrita e não necessariamente está colocando os alunos para competir entre si. Segundo Rubem Alves (2005), a educação deve ser trabalhada de maneira que não forme sujeitos competitivos, mas que possam ser sujeitos autônomos, capazes de refletir

o mundo e suas contradições, ou seja, a competição deve ser banida de nossas escolas e de nossas atividades pedagógicas.

2.3. COMO AS CRIANÇAS REAGEM AO PROCESSO DE ESCRITA

Nesse primeiro momento foram observados como as crianças reagem ao processo de escrita e as condições de produção proposta pela professora.

Percebi que as tarefas foram trabalhadas individualmente, ou seja, a professora escrevia no caderno de cada aluno. Enquanto isto, alguns alunos pegaram o seu caderno e ficaram na frente do quadro copiando a atividade, suas ações era demarcar território e ficaram uns empurrando os outros. Os demais sentados assistiam o episódio sem compreender ao certo a razão daquele tumulto a frente do quadro.

Percebi também que os alunos são tão preparados para competição, que a atitude deles diante do quadro parecia ser muito normal, ou melhor, a mensagem que dava para entender era quem conseguisse o melhor lugar terminaria primeiro a tarefa e isso significaria saber mais que os outros. O que Rubem Alves vem afirmando em relação saber mais ou menos. ... “Quando as crianças que julgam saber mais ou ser mais capazes sentiram-se estimuladas a oferecer ajuda, e quando as que julgam saber menos ou ser menos capazes não se sentem inibidas de pedir ajuda...” (2005, p. 16).

Esta experiência da criança oferecer ajuda não vivenciada e não é comum esta atitude em nossas escolas porque as crianças estabelecem desde muito cedo a relação de quem sabe mais e de quem sabe menos, as que se julgam melhores e as que se consideram inferiores. Estes últimos acabam se inibindo em pedir ajuda, e isso só reforça a idéia de competição entre os alunos. Ainda observei que durante a aula os alunos ficavam inquietos, enquanto a professora tentava reorganizar a tarefa a ser trabalhada.

Enquanto a professora estava reorganizando a tarefa um aluno subia na cadeira próxima do quadro (lousa) para alcançar com o apagador um aviõzinho que estava pendurado na parte de cima do quadro (caderno de campo).

Ela chamava aluno por aluno para receber a atividade, enquanto esperavam, alguns ficavam deitados no chão, outros sentados esperando ser chamado (caderno de campo).

A professora parece às vezes estabelece uma relação muito autoritária no que diz respeito à escrita ortográfica dos alunos, do certo e do errado. Como nos afirma

Suassuna: “seria necessário que o professor refletisse acerca do problema de *escolarização* da língua, traduzido num princípio pedagógico excludente, que é o ensino do *certo* em detrimento do *errado*”. (1995, p. 19). Essa é uma realidade que acontece muito em sala de aula por que o professor acaba excluindo o aluno devido sua produção ortográfica, o que poderá causar aos alunos um constrangimento. Na fala da professora fica visível o autoritarismo em relação ao certo e errado, e diz:

tem uns que eu consigo com esse argumento ele tentar e tem outro que baixa a cabeça e não faz de jeito nenhum por que diz que não sabe ai aquele fica meio, aí depois quando eu vou tendo mais um tempo pegando o caderno de cada um e vendo as palavras coRREtas escrevendo a que ele fez e a que eu sei fazer pra que ele ver a diferença lá no quadro aí aquele que num fez de jeito nenhum por que eu não sei pega o lapizinho dele e vai copiando tudo lá do quadro, quando eles conseguem fazer uma palavrinha certa igual a que eu faço é uma alegria só (fala da professora/entrevista).

Percebi que nesse trecho da entrevista a professora acaba relatando um pouco de suas práticas em sala e diz que; *chama o aluno no quadro para que ele identifique onde ele errou onde acertou*. Por um lado isso pode ser na concepção da professora um modo de fazer o aluno perceber que na escrita existe regras que infelizmente temos que dominá-la. Mas, por outro lado o aluno é ridicularizado em frente os demais. Segundo Ferreira, “...é difícil para essas crianças é compreender como já dissemos, o que é que a escrita representa e como a representa” (2008, p. 43). A professora não deixa muito claro essa representação da escrita para os alunos e isso reforça ainda mais sua concepção de certo e errado.

quando num conseguem eles fala que faltô , faltô uma palavra uma letra tia aí ele ver e que eu fiz e a que ele fez, né/ faltô uma letra tia faltô uma letra que letra? Aí eles fala qual é a letra, ne/ aí eu vô lá e onde vô colocar aí a gente junto vai LÁ e coloca aonde ele esqueceu de colocar a letra por que aí já num é só aquele já é todos que vão ver LÁ a letrinha que falta e aonde o lugar onde vai colocar (fala da professora/entrevista).

eles começam a conhecer as letrinhas eles ficam muito felizes vem mostrar olha aqui o T, olha o T professora o T as vezes eles vão pra casa quando a gente vai fazer a leitura eles chega e fala profeSSO::ra eu já conheço professora essa letrinha eu sei é B é o D é o T as vezes é o A né, é o A que é o cotidiano que a gente acha que é fácil mas pra eles não é tão fácil que é tanto que quando eles descobrem que conhecem o A realmente pra eles é uma felicidade vem mostrar escreve sozim o que que eu fiz sozim em casa é o A ta certo é o A, ou

seja pra eles é uma felicidade ele também tem as expectativas deles de aprender (fala da professora/entrevista).

Diante de tudo que foi dito pela professora sobre como é desenvolvido o processo de escrita e de como as crianças lidam com esse processo; a professora ainda se sente muito feliz porque seus alunos já reconhecem algumas letras e já sabem contar, como se isso fosse o necessário para uma criança que está saindo da alfabetização e passando para uma série mais avançada. o fato de reconhecer letras e números não quer dizer que a criança saiba ler e escrever.

eu to muito feliz com eles porque eles desenvolveram muito eles já já conhecem os números de:: zero a DEZ tem uns que já conhece até o VINte mesmo tenho três que já vai até o numero TRINta desenvolveram melhor do que os outros que já vão até o numero TRINta enTÃO fico feliz por que eles já conhecem A's letrinha são poucos que não conhece o alfabeto completo a família silábica tem uns:: QUAtro que já LÊ palavrinhas ATÉ de TRÊS sibla, fza continha em" TÃO to muito feliz com a minha turminha (+) até que aquele pequeninim de três ano ele já conhece o A já ta interagindo com as vogais com os numero também então já cobre sozinho não precisa mais pegar na mãozinha dele já cobre sozinho já PINta sozinho to gostando da ((não compreendi)) não ta igual ao é que a gente espera mais né que já saia lendo correto num tá mais só assim do inicio do ano eles melhoraram muito desenvolveram muito GRAças a DEUS (fala da professora/entrevista).

Essa concepção da professora de que conhecer números e letras seja o suficiente no processo de alfabetização, me parece um tanto equivocada, porque segundo Ferreiro e Teberosky (1999) as crianças de 6 anos tem conhecimento específicos transmitidos socialmente e a partir daí começam a aprendizagem da lectoescrita. Sem falar que os números e as letras fazem parte do processo de escrita, mas a linguagem escrita não se restringe somente a números e letras. No entanto, precisa ensinar as crianças desde cedo que números e as letras devem ser reconhecidos, mas para, além disso, a produção da lectoescrita precisa ser trabalhada seja a partir de números e letras, seja a partir dos desenhos, o que está em jogo é se as crianças conseguiram produzir a lectoescrita a partir do que está sendo proposto pela professora.

No entanto, a professora lida com a produção da linguagem escrita de forma individual e mecânica, não dando ao aluno a oportunidade de criar e refletir sobre a língua. A professora tem o ditado de palavras como o principal meio de alfabetização e isso é condenar o aluno a ser realmente um mero copiador. Ela não conseguia estabelecer uma relação de interação com os alunos. Enquanto ela ficava sentada

escrevendo no caderno ou no quadro, os garotos colocavam a sala de cabeça para baixo e ela não tinha muito controle da situação, apelava para as ameaças.

Enquanto a professora pensava que estava fazendo o melhor para as crianças, elas reagem de forma bem inusitada. Quando a atividade era no caderno elas a faziam rapidamente para aproveitar o tempo daqueles que realizavam a tarefa de forma mais devagar. Quando a atividade era no quadro elas ficavam em pé, frente ao quadro empurrando uns aos outros como se quisessem dizer esse lugar é meu. Mesmo tendo uma atividade a ser feita as brincadeiras não paravam. Os alunos pouco sabiam o que estavam fazendo, para que e qual a finalidade disso. Segundo Vigotsky, a escrita deve ter valor para criança, caso contrário, serão meros copiadores. Ainda afirma:

[...] a escrita deve ter um significado para as crianças, de que uma necessidade intrínseca deve ser despertada nelas e a escrita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para sua vida. Só então poderemos estar certos de que ela se desenvolverá não como hábito de mão e dedos, mas uma forma nova e complexa de linguagem (1998, p. 156).

A produção da linguagem escrita deve ser oferecida às crianças de forma que realmente compreendam o seu valor semântico e pragmático. Esse processo de produção da linguagem escrita deve acontecer de forma coletiva para que todos possam compreender a complexidade dessa linguagem escrita.

2.4. CONCEPÇÃO DE ESCRITA DO PROFESSOR

Observei que a professora tenta incentivar os alunos dizendo: *ótimo, muito bem*, tenta incentivar a produção da linguagem escrita, mas essas palavras por si só, não irá ajudar o aluno a compreender o processo de produção da linguagem escrita nem tão pouco o aluno saberá no que essa produção escrita contribuirá em sua vida. Segundo Ferreiro “é muito mais fácil introduzir a língua escrita com alegria, com entusiasmo e sem medo às crianças pequenas...”. (2008, p. 48). E a professora não demonstra isso em sua ação.

Na sala a professora senta-se próximo à mesa e os alunos a cercam enquanto esperam o caderno. Ela da uma parada ajuda os alunos a lê a atividade no caderno, falando: ótimo, muito bem. A professora levanta vai até o quadro dizendo: agora vou escrever uma atividade no quadro por que vocês já têm no caderno. (caderno de campo).

A professora vai até a lousa e escreve:

*1º vamos ler e copia
BA BE BI BO BU BAO*

Ferreiro afirma:

É muito difícil que alguém, que não lê mais do que o absolutamente indispensável, possa transmitir “prazer pela leitura”; que alguém que evite escrever, possa transmitir o interesse pela construção da língua escrita; que alguém que nunca se perguntou sobre as condições específicas das diferentes situações de produção de textos, possa informar seus alunos a respeito... (2008, p. 48-49).

Não compreendi qual a finalidade dessa atividade porque os alunos já a tinham no caderno. Mas o que deu para perceber foi que a atividade era mesmo mecânica, pois os alunos só estavam reproduzindo o que ela copiava no quadro. Depois de escrever a atividade no quadro ela vai formando palavras juntamente com os alunos.

Depois vai formando palavras com a família do B como: BABE, BIBO, BUBAO, BABU, BEBO entre outras palavras. (tomando leitura de palavras dos alunos). Depois ela pede para os alunos copiarem as palavras para poderem ir embora. (caderno de campo).

Segundo Ferreiro:

Na concepção tradicional de aprendizagem, não apresenta a escrita como um objeto sobre o qual se pode atuar, um objeto que é possível modificar para tratar de compreendê-lo, e sim como um objeto para ser contemplado e reproduzido fielmente (sonorizado fielmente e copiado com igual fidelidade). (2008, p.70).

Depois de escrever a família da consoante B, a professora pede para os alunos construírem palavras a partir das sílabas. Percebi que algumas palavras não tinham muito haver com a realidade dos mesmos, como por exemplo, BIBO, BUBAO. Mas construídas outras como BABE, BABO (vem do verbo babar), e BEBO (vem do verbo beber), que estão mais próximas de sua realidade, que poderiam ter sido canalizadas como palavra geradora, como discute Paulo Freire as palavras devem contar a vida do lugar e devem recontar todas as suas situações, com todas as categorias de seus sujeitos – saem as *palavras geradoras* de que o método faz seu miolo. (1989, p. 30).

A professora não aproveita a oportunidade para utilizar as palavras formadas como palavras geradoras, porque seu foco é o fragmento, a sílaba. A palavra BEBO é exemplo de como daria para ser trabalhada como palavra geradora porque é muito visível no assentamento a prática de bebidas, em especial, alcoólicas.

Entre a teoria e a prática existe um diferencial que é a transposição, ou seja, sei o que é algo, mas não sei trabalhar isso quando estou em sala de aula. Um método usado no momento de alfabetização pode ser o próprio nome da criança. Segundo Ferreiro, é

um marco de referência no processo de alfabetização, pois o nome traz significado e que por mais dificuldades de escrevê-lo, nenhum nome pode substituir o nome verdadeiro no processo de apropriação da língua escrita. (2008, p. 35).

Numa conversa com a professora ela diz que: *pais alfabetizados não influem muito na vida escolar da criança porque tem uns que só vão deixar os filhos na escola e buscar; não querem saber como está o desenvolvimento dos filhos.* (caderno de campo).

Fiquei preocupada com essa fala da professora, porque, parece ter tanta convicção do que diz que parece que o problema da alfabetização se reduz a isso. Mas segundo Ferreiro (2008) os filhos de pais alfabetizados não têm melhor desempenho do que os filhos de pais não-alfabetizados, apenas eles têm contato com a língua escrita com maior frequência, seja através de livros, revistas, jornais, contextos sociais e por ter alguém que tenha condições de responder seus questionamentos. Não quer dizer também que os filhos de pais não-alfabetizados não tenham conhecimentos ou que cheguem a escola sem nenhum conhecimento, apenas o contato com a língua escrita se restringe a buscar sozinhos essa língua, partindo da realidade de explorar pedaços de jornais, frases em camisetas, muros e etc. ou seja, não aprenderam no mesmo contextos sociais as funções da língua escrita. Sabem que é importante, mas não sabem por que. Não que não tenham ou tiveram curiosidade, mas porque não teve alguém para lhes responderem os questionamentos no momento certo. Segundo Ferreiro não se pode “ocultar as funções sociais, apresentando a língua escrita como um “objeto em si”, abstraído de seus usos sociais, se favorece a algumas crianças e se deixa outras na penumbra inicial.” (2008, p.71). Agora fico a perguntar o que a professora compreende sobre alfabetização, quando faz essa afirmação?

Ainda afirma Ferreiro:

Os professores lêem pouco, escrevem menos e estão mal alfabetizados para abordar a diversidade de estilos da língua escrita. Na realidade, eles são produtos das más concepções de alfabetização que já foram assinaladas. Parece indispensável que os programas de capacitação incluam, como um dos objetivos, o de “realfabetizar” os professores alfabetizadores (2008, p.48).

No momento da entrevista a professora deixa claro sua vontade para trabalhar com adultos, pois segundo ela, eles já sabem o que querem e com as crianças precisa-se trabalhar muito com a ludicidade. Portanto, deu para perceber que a professora não se sente muito satisfeita com a turma na qual está atuando.

mais fácil alfabetizar o adulto do que a criança (+) por que a criança a rente tem que:: tentar levar ele pelo lado lúdico por que ele num sabe a necessidade do estudo, (+) né” a NECESSIDADE as vanTAGE a criança ainda não tem esse entedimento (fala da professora/entrevista).

é como já te falei é:: a dificuldade é por que::: alem da gente ((não entendido)) criança sere peQUEna num tem entedimento do QUE significa ainda, né / a gente tem que levar mais na parte do lúdico da brincadeira pra pra envolver eles, tem a participação dos pais que faz muita falta também (fala da professora/entrevista).

A professora parecia ter consciência de que os pais têm um papel fundamental no processo de alfabetização das crianças, mas faz uma colocação que acaba generalizando a maneira como cada pai acompanha seus filhos. De certa forma generalizar o modo como os pais acompanham os seus filhos no processo de alfabetização não ajudará a professora a conscientizá-los da importância desse acompanhamento. Ao contrário, isso pode de certa forma fazer com que os pais se distanciem mais da escola ou tomem antipatia por ela. Portanto, dizer que pais alfabetizados não influenciam na aprendizagem dos filhos é de certa forma não compreender que os sujeitos têm seus limites, pois estes acreditam que a escola deve incubir-se de alfabetizar seus filhos sem que precise acompanhá-los mais de perto.

Veja como a professora complementa a frase anterior.

Muitas vezes o nível de escolaridade (+) por que tem pai mesmo sem ter o grau de escolaridade ele é mais preocupado com a educação do seu filho do que o que tem eu eu:: num num sei qual é o argumento que eu vou ter deve usar mais tem um pai que mesmo sem ele ter estudo ele se preocupa em acompanhar o filho saber a tarefa que o filho levou pra casa pô pra fazer vim com o professor saber se o se acriança ta fazendo a atividade, né se a criança ta levando atividade pra casa e tem outro que é::: até formado mais não pisa de jeito nenhum no colégio pra saber como ta seu filho (fala da professora/entrevista).

Para dialogar com a forma que pensa a professora, Ferreira afirma que pais alfabetizados influenciam sim na vida escolar dos filhos, que independe da classe social que pertençam. Onde quero chegar com isto? É dizer que os pais das classes populares têm consciência de que o filho precisa da escola e a instituição precisa assumir sozinha a responsabilidade de alfabetizar estas crianças, que por sua vez tiveram menos acesso com o mundo letrado do que outras crianças de outras classes. Os pais alfabetizados

compreendem o espaço escolar de forma diferente, ou seja, ver a escola como um espaço onde a criança levanta hipóteses sobre como, para quê e porque o uso da linguagem escrita se faz necessário em nossas vidas.

Pergunto para professora quanto tempo ela desenvolve a atividade, ela responde *não levo muito tempo porque eles ainda tão piqueno entÃO eu faço com eles no máximo 10 palavras, palavrinhas de duas silabas de três silaba aí depois nós vamos corrigir juntos.*

Durante a entrevista, pergunto a professora que tipo de formação ela achava que o profissional da educação infantil deveria ter? Ela responde: *OLHA, além da pedagogia que é um curso que lhe dá é:: oportunidade de você trabalhar com o ser humano e entender um pouco mais o ser humano eu acredito que el:: deveria não parar de estudar ter sempre uma formação continuada porque as leis o estudo mesmo a educação si ta SEMPRE renovando num fica parada então o professor também não pode ficar parado.*

A professora é consciente de que deve ser propiciada aos professores uma formação continuada, porque a educação está sempre em movimento e o professor não pode estagnar se conformando com a formação que tem, mas tentar recuperar o tempo perdido. Por isso, ela está cursando nível superior em pedagogia.

Volto a perguntar a professora de acordo com os princípios da LDB sobre educação infantil a escola (a creche que chamam) está cumprindo com o seu papel social? Continuo: toda escola tem a sua intencionalidade de formar um cidadão participativo, de formar um cidadão crítico, de formar um cidadão que questiona seus direitos que conheça seus direitos e seus deveres, você acha que a escola está cumprindo com este papel de formar esse tipo de cidadão?

A professora muito rapidamente responde, mas antes ela têm uma reação.(fica séria depois dá um sorriso), mas continua: *ainda não, na força de vontade sim, mais na prática ainda não. Na prática ainda não até porque você vê que na teoria a gente fala muito nisso mais quando você se depara com aluno que tudo el:::, né/ tudo eles questiona você já passa a reclamar, então na prática NÃO, na teoria SIM a gente fala que quer isso quer que seja um cidadão (não entendi).*

Segundo Ferreira:

É difícil que os professores deixem que seus alunos façam perguntas, quando eles próprios, nas sessões de capacitação, se vêm inibidos a duvidar, a questionar e a perguntar. É difícil que estimulem

a criatividade das crianças se eles próprios deixaram de sê-lo, e na capacitação somente se lhes solicita aceitação (por razões de obediência institucional ou de autoridade intelectual) (2008, p.50-51).

Confesso que fiquei assustada diante dessa colocação da professora. Ela não disse de forma explícita, mas a resposta ficou nas entrelinhas. Aparentemente, ela não gosta quando se depara com alunos que questionam muito. Mesmo sabendo que é a partir desses questionamentos que os sujeitos vão se constituindo como seres capazes de compreender o mundo e sua complexidade.

Através da linguagem, os sujeitos podem expressar sua subjetividade, mas o que se percebe é que a escola não dá a oportunidade devida para que os alunos expressem sua criatividade. Portanto, acredito que esta escola precisa ter uma prática pedagógica que permita aos alunos fazerem uma relação entre ele mesmo e o processo de produção da linguagem escrita. É o que nos diz Geraldí.

[...] a linguagem é ela mesma um trabalho pelo qual, histórica, social e culturalmente, o homem organiza e dá forma a suas experiências. Nela se produz do modo mais admirável, o processo dialético entre o que resulta da atividade do sujeito na constituição dos sistemas lingüísticos, as línguas naturais de que nos servimos. (1997 p. 09).

Sem o uso da linguagem que é historicamente um meio pelo qual os sujeitos se relacionam, não será possível estabelecer dentro do processo dialético uma linguagem escrita que se aproxime da realidade dos sujeitos.

A TÍTULO DE CONCLUSÃO

Como havia dito anteriormente, a pesquisa visou compreender como é trabalhada pela professora a produção da linguagem escrita numa turma de educação infantil (faixa etária de seis anos), tentando também compreender como as crianças reagem e esse processo de produção da linguagem escrita.

Considerando que o processo de aquisição da linguagem escrita é complexa, Freire (1994) afirma que precisamos ter amorosidade, criatividade no/pelo que fazemos. Sem essa paixão, sem o compromisso pelo que fazemos, não será possível seguir

acreditando que serão formados sujeitos capazes de ler o mundo e suas relações heterogêneas.

Mesmo sabendo que a criança traz de casa um conhecimento adquirido a partir do meio onde vive; a escola precisa saber trabalhar com essa realidade, pois a criança já sabe falar, o que ela vai precisar é que a escola lhe proporcione momentos em que essa fala seja transformada em produção escrita. Contudo, essa escrita não deve ter apenas o professor como avaliador ou mesmo, o único a ler. Mas que ela seja socializada com as outras crianças e que essa produção da linguagem escrita seja externalizada para além da sala de aula.

Por isso, acredito que a produção da linguagem escrita é fundamental no processo de ensino aprendizagem da língua. Assim, estabelecendo um paralelo entre pensamento e linguagem, aonde o aluno possa compreender que a escrita faz parte de nossas vidas, assim como o pão de cada dia, que mantém acesa a chama do conhecimento e é fonte de energia para continuar na busca por novos conhecimentos. Porém a linguagem escrita precisa ser compreendida como um meio pelo qual nós seres humanos também nos comunicamos.

A criança precisa saber conforme sua realidade para que serve a produção da linguagem escrita? O que ela representa? E por fim, pense e reflita sobre a linguagem escrita. Mas isso vai depender do profissional, ou seja, do professor que deve e precisa ser mediador entre o que é ensinado e o que é compreendido pelas crianças. Para se trabalhar com textos é necessário saber a finalidade que ele terá na vida das crianças que ainda são principiantes na arte de saber, caso contrário, o texto poderá ser visto como o Bicho-Papão.

A oralidade é outro fator que a escola precisa levar em consideração, pois por meio dela pode-se fazer uma ponte entre fala e escrita. Então, a professora precisa assumir esse compromisso. Para se chegar à produção da linguagem escrita, o professor pode utilizar a oralidade das crianças para o exercício dessa produção da escrita, mas o professor precisa saber trabalhar com essa produção porque a linguagem escrita possui uma outra gramática.

No momento da pesquisa, observei que esse fator pouco ou quase nada foi explorado pela professora, pois suas atividades estavam centradas numa metodologia aonde o aluno não interagia por meio do conhecimento com os demais, ou seja, não havia interação alunos com alunos, nem tampouco professor com alunos. Diante do que

foi observado posso dizer que havia uma individualização das atividades. Enquanto uns realizavam suas atividades sentados nas cadeiras, os outros tinham atitudes preocupantes, pois nesse momento era importante que estivessem mais próximos para aprenderem e ensinarem, construindo uma relação de interação, afetividade e companheirismo para com o próximo.

Em nenhum momento notei que a professora tentou estabelecer uma relação mais próxima dos alunos, uma vez que precisamos saber zelar e cuidar dos pequeninos. Atitude que ela não tinha, pois sua relação era de forma bem autoritária e chegava a gritar o nome das crianças ao invés de buscar alternativas para chamá-los atenção.

Se nós, professores, não incentivarmos nossos alunos a compreender que na produção da linguagem escrita a relação de interação, afetividade e companheirismo se faz necessário; dificilmente os alunos conseguirão estabelecer um paralelo entre oralidade e produção da linguagem escrita, mesmo tendo domínio da fala. Segundo Ferreiro, não se trata de fazer a criança distinguir oralidade e escrita, porque elas já sabem disso, mas fazê-las compreender que o conhecimento adquiridos pelos sujeitos se dá a partir de uma linguagem escrita, dita padrão.

Observei também que a professora não tem um planejamento de suas atividades, pois as que foram desenvolvidas no período das observações ficaram muito soltas. Era responder umas operações de matemática (a professora estava trabalhando as operações adição e subtração), hora era escrever palavras no quadro (bebe, bebo, bibu, etc). Não quero dizer que as atividades não devam ser diversificadas, mas elas precisam ser mais planejadas numa relação com as particularidades dos sujeitos, ou seja, segundo Ferreiro as crianças trazem de casa conhecimentos do convívio cotidiano, e por que não trabalhar a partir desses conhecimentos? Esses sim, fazem parte da vida real das crianças. A escrita precisa ser compreendida em sua totalidade pelos sujeitos de forma que possam utilizá-la para resolver diversas situações no dia a dia.

Outra situação observada e constatada a partir dos dados colhidos foram as atividades desenvolvidas em sala tinham uma função mecânica, ou seja, nenhum momento foi proposto pela professora uma atividade de produções da linguagem escrita que não fosse produzir no caderno o que ela havia feito no quadro ou ao contrario fazer no quadro o que havia feito no caderno das crianças. Não houve preocupação por parte da professora em desenvolver e adotar essa metodologia para alfabetizar crianças de apenas seis anos de idade. Como a professora mesma disse durante a entrevista que o

acompanhamento por parte dos coordenadores pedagógicos *eram raros* (fala da professora), às vezes uma vez no mês, diante disto, ela procurava dar suas aulas mediante o que havia apreendido no magistério.

Os alunos reagiam a essa metodologia da professora de forma podemos dizer incosciente porque o fato de não entender o que estava sendo proposto por ela, lhes causavam desconforto e acabavam por não dá atenção, pois no momento de realizar as tarefas eles ficavam disputando espaço na frente do quadro, em outros momentos os alunos realizavam a tarefa rapidamente para aproveitar o tempo. Portanto, a pouca consciência por parte dos alunos de não saber a finalidade da atividade, dificultou seu envolvimento e sua participação, transformando a escrita numa mera execução de tarefas.

A professora compreende a escrita como um processo mecânico construído a partir dos fragmentos da palavra (silabas, letras). Por outro lado, a professora aparentemente estabelece uma distinção entre quem sabe e quem não sabe porque, ao mesmo tempo em que diz que o aluno precisa aprender a ler e escrever, não permite sequer que ele pergunte sobre esses processos. Então, o que se percebe é que fica muito alheio ao aluno o processo de aquisição da linguagem escrita.

Por acreditar numa educação do campo, capaz de formar sujeitos que saibam questionar, refletir e agir sobre a língua, tenho convicção de que esses sujeitos da pesquisa, apesar de não terem tido uma oportunidade maior de aprender a linguagem escrita como deveriam; futuramente terão dificuldades de lidar com essa linguagem escrita. Mas o professor seja da cidade ou do campo, tem um papel crucial, o de introduzir a linguagem escrita de forma que os pequeninos se sintam a vontade de aprender. Sendo assim, as crianças devem a cada dia serem estimuladas e incentivadas a usar a linguagem escrita de maneira que lhes proporcione conforto, ou seja, o professor precisa dá oportunidade para que as crianças possam fazer uso do conhecimento adquirido no cotidiano utilizando a produção da linguagem escrita.

Portanto, na produção da linguagem escrita se fazem necessárias as práticas social dos sujeitos, quer dizer o conhecimento de leitura, de mundo para que a partir daí possam ser formuladas hipóteses sobre para que serve e o que representa essa linguagem escrita.

Diante disto, cabe a escola cumprir seu papel de alfabetizar os sujeitos para que compreendam a importância da leitura e da linguagem escrita em nosso convívio com o

outro, estabelecendo uma relação de interação do conhecimento adquirido. Segundo Ferreiro, alfabetização pode e deve contribuir para a compreensão, difusão e enriquecimento de nossa própria diversidade, histórica e atual (2008, p.54).

Ferreiro ainda nos diz que a concepção de alfabetização precisa e deve ser mudada, caso contrário, a escola não conseguirá alcançar seus objetivos; vai continuar formando pessoas não capazes de serem críticos, de pensarem e agirem sobre a língua, ou seja, vai aumentar o número de analfabetos.

Sendo a escola uma instituição que deve fazer a ponte entre o conhecimento e o aluno, o professor pode/deve ser o mediador desse conhecimento. Os professores que atuam em séries iniciais ou séries mais avançadas precisam ser alfabetizadores, intermediando a interação dos alunos com o mundo das letras.

Nas escolas ligadas ao Movimento Social, também se faz necessário que este intervenha de maneira a transformar as concepções de escrita que se instalam na escola. Aonde quero chegar? Que a escola pesquisada não se diferencia tanto da escola da cidade e que a pesar de ser uma escola que está em uma área da Reforma Agrária, o que prevalece no professor à idéia de educação no campo e não do campo. Portanto, ou muda-se o modo de ensinar o processo de produção da linguagem escrita (no campo e na cidade) ou o número de analfabetos permanecerá ainda em grande proporção.

REFERENCIAS:

ALVES, Rubem. A Escola que Sempre Sonhei sem imaginar que pudesse Existir: Campinas, SP: Parirus, 2001. 8ª ed.2005.

BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo, SOUZA, Ivane Pedrosa de. **Sala de**

aula: avançando nas concepções de leitura. In: SOUZA, Ivane Pedrosa de, BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo (org.) **Práticas de Leitura no Ensino Fundamental.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BAGNO, Magno. **Preconceito Lingüístico o que é, como se faz.** Loyola, São Paulo, 1999.

CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem-Terra.** São Paulo: Expressão Popular. 2004.

FERREIRO, Emilia. **Com Todas As Letras.** 15.ed. Cortez -São Paulo, 2008.

_____. e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese Da Língua Escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **O que é o Método Paulo Freire.** 15.ed. editora Brasiliense: São Paulo, 1989.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PASSARELLI, Lílian. **Ensinando a escrita: o processual e o lúdico.** 4. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2004.

PERROTTI, Edmir. Elementos para o debate: a escola como oficina lúdica. In: Arte na escola: Anais do primeiro seminário nacional sobre o papel da arte no processo de socialização e educação da criança e do jovem. São Paulo: Unicsul / SP, 1995.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 2º ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SILVA e FERREIRA. As Práticas de Leitura na Educação de Jovens e Adultos em Turma do Programa Brasil Alfabetizado. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DO NORTE E NORDESTE, 19, 2009, João Pessoa. Anais eletrônicos... João Pessoa, UFPB, 2009. 1 CD-ROM.

SUASSUNA, Lívia. **Ensino de Língua Portuguesa: uma abordagem pragmática.** Campinas: Parirus, 1995.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ANEXOS

Da Paciência

Da paciência da inteligência

Vem

Vem a sabedoria

Da paciência do tempo

Vem o deserto

Da paciência do espaço

Vem a eternidade

Da paciência da estalactite

Vem a estalagmite.

Adeilton Oliveira de Queiroz (Gama-DF)

Hoje dia 25 de novembro de 2009, conversei com a professora Raimunda que trabalha com os alunos de 5 e 6 anos no Centro Educacional e Cultural Madalena Freire (mas chamada pela comunidade de creche), local onde vou desenvolver meu trabalho de conclusão de curso (TCC).

Fui até a casa de D. Raimunda conversar com ela sobre minha proposta de trabalho, sobre os objetivos. Falei também sobre a pesquisa irá ser desenvolvida. O caráter da pesquisa  interagir, intervir e ajuda-la a planejar suas aulas propondo novas atividades. Por um momento pensei que ela fosse dizer não, mas a resposta foi positiva no sentido dela aceitar o que havia lhe proposto. Ela afirma sua resposta dizendo que estaria disposta a contribuir durante o processo de pesquisa.

Diante disso perguntei se ela poderia naquele momento d uma entrevista para o levantamento de dados que  necessário para que a pesquisa seja iniciada, a partir de dados concretos.

Percebi que ela ficou meio que sem jeito de falar um não, então marcou para as 12:30 na creche, por que naquele momento ele iria fazer o almoço por ter acabado de chegar da reunião de pais e professores que discutiam sobre a construo do projeto Político Pedagógico da escola Educara Para Crescer.

No horário marcado estava lá na escola como combinado para realizar a entrevista com a D. Raimunda. Durante a entrevista os alunos iam entrando na sala arrastando cadeiras, a professora pede para interromper e conversa com as crianças pedindo que elas se retirassem da sala, e que depois ela iria chamar todos para entrarem.

Ao final da entrevista a professora agradece dizendo: *Obrigada por você ter me escolhido.* ((Creio que ela disse isto de forma imatura por não ter compreendido que não a escolhi, mas a turma de 05 e 06 anos que ela está trabalhando)). Agradei também por ela ter aberto as portas e permiti que a pesquisadora desse os primeiros passos para o desenvolvimento da pesquisa. Deixamos marcado nosso próximo encontro para juntas planejarmos as próximas aulas. A data será dia 30/11/2009 no período da manhã na creche, onde também montaremos o cronograma dos dias que irei ficar presente na sala. Por que já estava no horário da professora iniciar a aula.

A reunião que estava marcada para o dia 30/11 não aconteceu, por que tive que levar o meu filho ao médico.

No dia 02/12/2009 fui até o Assentamento para sentar com a professora, mas ela não pode me atender, por que ela estava lavando roupa e não podia parar pela metade. Então, combinamos para o dia 29/12 no período da manhã na creche.

No dia vinte e nove retornei ao Assentamento para junto com a professora planejar a aula do dia, mas por motivo de condução cheguei um pouco mais tarde e a professora havia ido para casa.

Aproveitei que estava no Centro Educacional Madalena Freire para entregar uma declaração da Universidade comprovando a finalidade de minha presença na escola, por que fui quase barrada por não levar da primeira vez esta declaração. A professora foi proibida de sentar para planejar comigo as próximas atividades se caso não apresentasse a declaração da UFPA. Contudo, faço uma pequena reflexão sobre isto. Desde quando comecei fazer o curso de letras, os trabalhos do tempo comunidade foram desenvolvidos na escola e nunca houve uma situação como esta, de certa forma constrangedora e agora estava sendo quase barrada. Ainda não conseguir entender o porquê, mas é como se a gente estivesse faltando com a verdade e estivesse ali para somente observar as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola, tipo um bode espiatório (não sei de quem por que não trabalho no Município).

Com citado anteriormente, cheguei atrasada e a professora havia ido embora. Então, me dirigir até a casa dela para planejarmos, mas novamente a professora não pode me atender por que iria fazer uma prova (ela cursa pedagogia) e tinha que lê um livro e ela estava fazendo isto naquele momento, mas insistir para não dar outra viagem perdida e propus sentar no período da tarde às 16:00 horas como ela preferiu na creche. No horário marcado fui, quando cheguei a professora ainda estava em sala fazendo atividade no caderno de alguns alunos e pediu que aguardasse um pouco. Sentei e fiquei observando a professora que enquanto escrevia algumas palavras no caderno dos alunos, eles corriam e pulavam no pátio da escola, quando ela terminava um caderno chamava o aluno, entregava e liberava para ir embora. Após escrever nesses cadernos, a professora de dirige a mim falando: *Agora é nós!*

Então, começamos a pensar o que iríamos fazer. Como já tinha levado anteriormente alguns fantoches, propus trabalhar com eles a historinha de vida dos alunos e fomos montando os passos (que ainda era proposta). Primeiro a professora iria apresentar os novos amiguinhos (fantoches). Segundo contar uma historinha infantil juvenil **João e Maria** por ser nomes mais comuns do dia-a-dia. Terceiro recontar a historinha oralmente interagindo com os fantoches. Em seguida perguntar o nome

deles? Se tem irmãos? Qual o nome do pai e da mãe? Se gosta de estudar? Por quê? Se gosta de brincar e da qual brincadeira?

Essa é minha proposta inicial falei a professora e perguntei se ela concordava ou não e se tinha uma outra proposta. Imediatamente respondeu que estava boa a proposta. Ah! Também propus que ela manuseasse um boneco, mas ela ficou um pouco confusa por que segundo ela não tem muito costume com esse tipo de trabalho, mas iria tentar. Contudo, essa aula ficou para ser desenvolvida do dia 15/16 e 17, até mesmo por que as aulas encerrariam no dia 18/12/2009.

INICIO DE ESTÁGIO

Primeiro dia de estágio realizado no dia 15/12. A programação prevista não pode ser realizada por que não conseguimos a cortina para que a atividade fosse desenvolvida. Então, observei novamente a aula da professora.

A professora entra na sala e arruma as cadeiras algumas em circulo outras em fileiras, após isto, conversa com uma aluna a qual pergunta sobre a peça que ia apresentar, a professora responde: não, mais vocês não queriam ensaiar e agora não vamos apresentar. Após isto, a professora convida os alunos para rezar o pai-nosso, mas enquanto dois ou três rezavam os outros andavam ou jogavam aviãozinho na sala. Depois da oração cantaram uma musiquinha e no momento em que cantavam a professora chama a atenção de um aluno e grita: *Carlos Henrique!* O aluno responde: *não é eu é...* (fala o nome do aluno, que não entendi), mas a professora responde: mais ele ta quietinho ainda bem!

A professora senta numa cadeira que está no circulo e organiza a tarefinha mimeografada para ser distribuída e vai lembrando os alunos de colocarem o nome na tarefinha. Enquanto a professora estava reorganizando a tarefa um aluno subia na cadeira próxima do quadro (lousa) para alcançar com o apagador um aviãozinho que estava pendurado na parte de cima do quadro.

Tinha alunos que não tirava a mochila das costas e momento algum ouvir a professora pedir para eles tirarem. Ela chamava aluno por aluno para receber a atividade, enquanto esperavam alguns ficavam deitados no chão, outros sentados esperando ser chamado. Ao final a professora pergunta quem não havia recebido. O

aluno que estava deitado no chão levanta e vai pegar a atividade, a professora levanta andando na sala e somente depois entrega a tarefinha para ele.

Quando a professora termina de entregar a atividade que é de matemática ela pergunta: quantos aluno tem na sala? Os aluno foram contando e chutando 12, 14, 17, 20 e ela pede para contarem coletivamente 16 alunos. *Quantos meninos?* Começam a contar 8,6, 5. *Vamos contar novamente.* A professora começa a contar *um menino dois menino, três menino, quatro menino, cinco menino, seis menino, sete menino. Tem sete menino e quantas meninas?* Os alunos foram contando 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, a professora pergunta: *será?* Contam novamente 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 *ah! então tem nove meninas,* enquanto isto ela escreve no quadro armando a continha.

$$\begin{array}{r} 7 \text{ meninos} \\ + 9 \text{ meninas} \\ \hline 16 \text{ total} \end{array}$$

Logo depois ela copia os números de 1 à 20 no quadro e chama os alunos para contarem coletivamente. A professora não respeitou o tempo da atividade entregue, foi atropelando. Ao mesmo tempo que os alunos respondiam a tarefa ela chamava atenção deles para contarem os alunos presentes na sala e depois lerem os números no quadro.

Então, a professora senta e fala: *eita João Alexandre você ta preocupado eh!* Outro aluno diz: *preocupado com o que tia?* Ela responde: *em fazer a tarefa.*

A professora continua sentada reorganizando a tarefa. O diretor entra na sala e entrega a cortina, a professora fala: *ah! ta! Mas nós só vamos usar amanhã.* Enquanto isso, alguns alunos continuaram a jogar aviãozinho na sala.

Começa a fazer um barulho estranho a professora grita: *EMILY é você não É?* ((a prof. Grita)) *guarda se não vou te tomar.* A aluna continua com o barulho e a professora fala: *amiguinha você sabe que eu tomo e guardo.*

Todo momento a professora chamava o nome de um aluno e perguntava se já tinha feito, se não vão responder. Ela grita: *João Alexandre to falano com a parede è? Vai sentar e fazer a tua atividade.*

A professora levanta e recolhe aviãozinho feito de papel de caderno na mão do aluno, ameaça e joga no lixo.

Como toda sala é heterogênea tem sempre aqueles que terminam a atividade primeiro e para estes ela recolhe o caderno e passa as continhas para eles resolverem.

Nesse momento a coordenadora entra na sala para entregar uns convites avisando que não haverá aula na quinta-feira por que é a festa de encerramento. Um aluno corre ao encontro dela e diz: *professora a data ta escrita aqui?* Ela então pega o convite e lê. O aluno se dirige a sua cadeira senta e diz: *eu não acordo.* A coordenadora responde: *então vai perder a festinha.* Ela sai e o mesmo aluno diz: *eu posso ir lá na tua sala para tu me ajudar?* Ela responde: *pode, mas a professora precisa deixar.* (ajudar o aluno com a atividade).

Na sala a professora senta próxima a mesa e os alunos a cercam enquanto esperam o caderno. Ela dar uma parada ajuda os alunos a lê a atividade no caderno, falando: *ótimo, muito bem.* A professora levanta vai até o quadro dizendo: agora vou escrever uma atividade no quadro por que vocês já têm no caderno.

Escreve no quadro assim:

1º vamos ler e copia

BA BE BI BO BU BAO

Depois vai formando palavras com a família do B e forma BABE, BIBO, BUBAO, BABU, BEBO entre outras palavras. (tomando leitura de palavras dos alunos). Depois ela pede para os alunos copiarem para poderem ir embora, pois não haverá merenda. Muito rapidamente os alunos pegaram o caderno vão para frente do quadro copiar a atividade e ficam uns empurrando os outros, a professora pede para eles sentarem e sair da frente dos outros e os que vão terminando vão indo embora, a

professora diz: *tchau até amanhã. Ah! vai ter muita brincadeira por isso que tem que fazer a atividade hoje, amanhã é só brincadeira.* Reforça dizendo a professora.

No dia 16/12 juntamente com a professora organizamos a sala para trabalharmos com os fantoches. Mas antes de iniciar a aula terminei a entrevista com a D. Raimunda (professora), pois a mesma não tinha sido concluída por que fizemos minutos antes de iniciar a aula das 13:00 horas. Os alunos começam a chegar as 11:30 horas o que acabou prejudicando um pouco e tivemos que encerrar passando até do horário de entrada na sala por que a professora pedia para dar tempo para pedi silêncio para os alunos.

Hoje a entrevista deu para ser concluída. Ainda tivemos tempo para trocarmos idéias, aproveitei e indiquei o livro da **Emilia Ferreiro** *Com Todas as Letras* para a professora dar uma lida, pois segundo a professora pais alfabetizados não influi muito na vida escolar da criança por que tem uns que só vão deixar os filhos na escola e buscar; não querem saber como está o desenvolvimento dos filhos. O livro de Ferreiro vem justamente contradizer o que a professora pensa.

Como havíamos combinado antes, os alunos entrariam para sala, a professora os convidariam para outra sala enquanto eu e uma outra companheira (Cícera, aluna do curso de letras MST/ PRONERA), nos organizamos para manusear os bonecos.

A principio pensei em manusear junto com a professora os fantoches, mas pensei melhor em fazer com outra pessoa, pois a professora ficaria para observar as crianças e incentiva-las a participar do diálogo e contar sua historinha de vida. Assim fizemos, quando os alunos entraram novamente na sala a coordenadora foi quem conversou com os alunos sobre os dois novos amigos que estavam na sala e que eles iriam contar uma historinha. Foi aí que eu e Cícera, quero dizer João e Maria entraram em ação eu como (João) e Cícera como (Maria). A história que foi contada foi justamente a de João e Maria a historia foi narrada em primeira pessoa.

Maria começou a se apresentar e lembra que deverá apresentar seu irmãozinho João. Ele começou colocando a cabeça a cima do pano e desapareceu de repente, colocou a perna e escondeu novamente. Os meninos sorriam do jeito do João e pediam *aparece João, aparece João.* Até que João apareceu e começou a contar sua história. Ele e Maria moravam com seu pai e sua madrasta. A madrasta convence nosso pai a

deixar-nos no meio da floresta, só que Maria ouviu tudo e contou a João, eles ficaram muito triste. No dia seguinte catamos pedras para marcarmos o caminho e logo bem cedinho nossa madrasta e nosso pai nos levaram para a floresta, deram-nos dois pedaços de pão que acabamos jogando no caminho para nos ajudar a voltar para casa. Quando chegamos no meio da floresta eles nos deixaram e foram embora, nós fomos ficando cansados e dormimos. Quando acordei né Maria? É João. Encontramos uma casa toda feita de chocolate e começamos a arrancar pedaços e comer, pois estávamos com muita fome. De repente apareceu uma velhinha que nos ofereceu cama e comida. Depois dormimos e quando acordamos estávamos dentro de uma gaiola e a casa tinha se transformado num casebre cheio de teia de aranha e a velha tinha se transformado numa bruxa.

A medida que íamos contando a historinha perguntávamos o que poderia acontecer conosco. Alguns alunos que já tinha tinham ouvido a história falou que eles iriam ser devorados pela bruxa. Prosseguimos contando a história.

A bruxa deixou João dentro da gaiola e fez de mim sua criada. Todos os dias eu levava comida para João e depois a bruxa olhava o dedo de João para ver se tava gordo. Maria continua contando. Pois é, nesse momento tive uma idéia e disse a João: quando a bruxa pedir o seu dedo dê a ela um osso de galinha, assim ganharemos tempo para fugir daqui. Assim, eu fiz toda vez que a bruxa pedia o meu dedo eu dava um pedaço de osso e cada vez mais fino. A bruxa começou a desconfiar e naquele dia mandou Maria preparar o caldeirão, pois eu iria para a panela. Ela mandou Maria vê se o forno já estava pronto e Maria disse: eu não sei. A bruxa foi fazer a demonstração e Maria jogou no forno e ela morreu.

Nesse momento perguntei se a historinha tinha acabado muitos responderam que sim outros que não, que João e Maria ainda voltariam para casa.

Então, continuamos a contar a história. Depois que Maria jogou a bruxa no forno, correu para a gaiola me soltar, nos abraçamos e antes de ir embora demos uma volta no casarão e encontramos um baú de ouro. Não foi Maria? Foi. Pegamos um pouco e deixamos outra parte lá, para quem passassem por ali também levassem um pouco e nunca mais passem fome assim como nós passamos e agora não vamos passar mais. Contudo fomos para casa encontrar com nosso pai e soubemos que nossa

madrasta havia morrido há algum tempo e assim, nos abraçamos e fomos felizes para sempre.

Quando terminamos de contar a historinha todos bateram palmas e gritaram alto o nome do João e Maria. As crianças adoraram a historinha e prestaram bastante atenção. Queriam a todo custo abraçar o João e a Maria. Pena que aconteceu no ultimo dia de aula e tinha outra programação com as crianças e o tempo já estava esgotado. A idéia seria ainda observar como a professora iria trabalhar a produção da linguagem escrita com os alunos. Agradei a todos em especial as crianças que eram meu público alvo.

Entrevista realizada com um docente da turma de Educação Infantil 2009 no Assentamento Primeiro de Março.

Pausas e silêncios: (+)

Truncamentos bruscos: / - é utilizado quando um falante corta uma unidade ou quando alguém é bruscamente cortado pelo parceiro.

Ênfase ou acento forte: MAIÚSCULA

Alongamento da vogal: ::: - quando ocorre um alongamento em uma vogal. Os dois pontos são repetidos a depender da duração.

Comentário do analista: (())

Sinais de entonação: “ ‘ ,

Aspas duplas: para uma subida rápida (corresponde a mais ou menos ao ponto de interrogação);

Aspas simples: para uma subida leve: (algo assim como uma vírgula);

Aspa simples e abaixo da linha: para descida leve ou brusca (como um ponto final ou encerrando um período);

((início))

Pesquisadora: Então boa tarde dona Ana!

Entrevistada: boa tarde.

Pesquisadora: é como você se chama?

Entrevistada: Ana A. ((não compreendido))

Pesquisadora: quantos anos você tem?

Entrevistada: 46

Pesquisadora: qual a sua formação?

Entrevistada: MAGISTÉRIO

Pesquisadora: voc::: reside no Assentamento?

Entrevistada: a três :::nos

Pesquisadora: a três anos. Mas você é Assentada ou não?

Entrevistada: não.

Pesquisadora: não é assentada. Só veio mesmo para trabalhar?

Entrevistada: ((faz um sinal com a cabeça que sim))

Pesquisadora: mas foi indicada por alguém ou a senhora passou em algum concurso? Através de que a senhora veio para cá?

Entrevistada: fui indicada por alguém”

Pesquisadora: por que a senhora escolheu essa profissão?

Entrevistada: na verdade trabalhava em outro Município quando vim pra cá” porque eu gosto.

Pesquisadora: a senhora gosta?

Entrevistada: gosto de trabalhar com cri::cãs (+) Na verdade quando eu fiz o magistério eu fiz pensando :::m trabalhar com alfabetização de CRIANÇA e de adulto (+) ADULTO e não de criança ADULTO , por que o adulto ele já sabe a necessidade que faz o estudo pra :le então ele se empenha mais e eu acredito que seja mais fácil alfabetizar o adulto do que a criança (+) por que a criança a rente tem qu: tentar levar

ele pelo lado lúdico por que ele num sabe a necessidade do estudo, (+) né” a NECESSIDADE as vanTAGE a criança ainda não tem esse entedimento.

Pesquisadora: como você avalia a qualidade do ensino no país?

Entrevistada: ((ela sorrir, logo após ela fala)).pra mim no m:u entedimento e o pouco que eu sei o NOsso ensino ele é lento (+) na minha avaliação ele é lento, até por que è: num tem essa prioridade, prioridade existe mais SÓ verbalmente.

Pesquisadora: e aqui no Município como a senhora ver essa questão de educação?

Entrevistada: LENTa,

Pesquisadora: lenta.

Entrevistada: LENTa, fraca (+) como () num todo país, né”

Pesquisadora: e de um modo geral aqui no Assentamento mais específico como é que a senhora ver a questão da educação?

Entrevistada: eu vejo que ela é:: um:: uma educação que necessita de ajuda,

Pesquisadora: por que?

Entrevistada: porque a: uma boa parte das crianças e dos pais num tem aquele conhecimento que a criança DEVE apreSENTAR e parTICIPAR e que o PAI deve ser um pai participativo pra ajudar tanto em casa quanto na escola, (+) não se ver pelo meno na parte que eu trabalho na Area que TRABALHO na alfabetização a gente sente muito essa falta da freqüência do pai do APOI da família,

Pesquisadora: mais a senhora acha que é so isso que ta faltando para que melhore a educação ((ela responde ante que eu conclua a pergunta e diz) NÃO. no Assentamento? (ela conclui) falta muito mais num cabe a mim ta expondo até porque (+) mais necessita BEM MAIS, bem mais do que isso mesmo.

Pesquisadora: você acha que o Município está cumprindo / com os princípios da LDB a formação da educação infantil ?

Entrevistada: NÃO

Pesquisadora: por que a senhora acha?

Entrevistada: porque não ACHO, por que primeiro se a gente eu acredito assim se você trabalha principalmente na parte da alfabetização você teria que ter formação continuada.

Pesquisadora: e o Município não proporciona isso para vocês?

Entrevistada: NÃO porQUE foi proporcionado um mais não foi de qualidade (+) foi mais tipo assim pa pa desenvolver o proJETO que tava vindo desde LÁ de cima do governo federal NÃO pra que deca uma prioridade pa da um ensino de qualidade para os professores num teve isso.

Pesquisadora: entao na verdade era um projeto que vinha estabelecido pela secretaria do governo federal para que fosse implantado no Assentamento, ou seja, no Minicípio e não estaria conforme a realidade de vocês?

Entrevistada: NÃO, foi conforme a realid::de e nem foi assim uma coisa que fosse passada pra você entender que tiVEsse acompanhamento, foi mais tipo pr:: aquele projeto ser concluído fechado entregueado como num teve acompanhamento que aquilo ta existindo ou não, não por que um curso que era pra nos fazer em num mínimo seis meses colocaram pra quatro meses e num fizemos dois meses (+) então / por aí você tira que não foi uma boa formação, o livro era grande era grosso era Ótimo tudo que tinha e que tem nos livros é ótimo mas na hora de esclarecimento do curso ((não ententido)) pra ensinar professor a professor isso não aconteceu, então iss::: nos prejudicô e fez muita falta por que o poquim que foi apresentado pra nos foi muito valioso ((não entendido)) e muito proveitoso também.

Pesquisadora: que tipo de formação você acha que o profissional da educação infantil deve ter?

Entrevistada: OLHA, alem da pedagogia que é um curso que lhe dar é:: oportunidade de você trabalhar com o ser humano e entender um pouco mais o ser humano eu acredito que el:: deveria não parar de estudar ter sempre uma formação continuada por que as leis o estudo mesmo a educação si ta SEMPRE renovando num fica parada então o professor também não pode ficar parado.

Pesquisadora: quer dizer que depois que a senhora está no Assentamento depois dessa formação que teve a senhora não procurou outro meio de se formar?

Entrevistada: / não eu faço pedagogia to no segundo ano de pedagogia mas não proporcionado pelo Município,

Pesquisadora: a senhora faz por conta própria?

Entrevistada: / desde os quatrocentos que recebo aqui do salário mínimo quatrocentos e dezesseis que eu recebo aqui eu tiro cento e noventa e cinco e Pago o meu curso em Marabá,

Pesquisadora: então a senhora paga o curso paga estadia e paga a passagem?

Entrevistada: PAGO a paSSAgem num pago estadia por que durmo na casa de parente cada um dia de aula eu durmo na casa de um parente diferente, um durmo três dias na casa de um ai o quarto dia eu durmo na casa de outro não PAGO estadia pago as passage e os trabalhos que a gente faz tem que pagar, / aí a senhora vai uma vez por semana?

Entrevistada: / pagar para digitar, a gente VAI uma vez por semana e quando tem trabalho tem vez que eu vou a semana duas semanas seguidas pra o estágio todo dia bem cedo eu s::io e volto meio dia por que eu trabalho aqui a tarde, então eu troco com a colega pra ela fica comigo ficar pra mim a tarde pra mim trabalhar pra ela de manhã ou fazer estagio a tarde LÁ, por que dependo do:: dos que estuda lá por que a gente faz é em grupo, né/ os trabalhos aí eu dependo da disponibilidade dos colegas de de aula,

Pesquisadora: como a senhora que trabalha na educação infantil avalia o andamento da aprendizagem da escola aqui ao todo?

Entrevistada: (+) olha não posso falar muito por que eu só vejo aqui na área que eu trabalho LÁ:: na:: na outra (+) no fundamental lá eu não tenho:: /

Pesquisadora: não é só sobre aqui mesmo sobre a educação infantil.

Entrevistada: é como já te falei é:: a dificuldade é por que:: alem da gente ((não entendido)) criança sere peQUEna num tem entedimento do QUE significa ainda, né / a gente tem que levar mais na parte do lúdico da brincadeira pra pra envolver eles, tem a participação dos pais que faz muita falta também (+) que as vezes você passa a semana inteira fazendo atividade ou as vez até um mês todim fazendo atividade pra criança ele leva e trás do mesmo jeito,

Pesquisadora: vocês tem acompanhamento pedagógico aqui?

Entrevistada: tem, tem um:: coordenador aqui um orientadora aqui nos orienta,

Pesquisadora: como é que se dar essas orientações?

Entrevistada: ela faz orientação é:: reuniões faz um dia de oito ate as duas horas da tarde fazendo esse planejamento coletivo todo mundo junto e durante a semana as vez ele vem aqui na s::la e fica um pouco com a gente ver os meninos que são peralta se ta precisando de ajuda ela leva pra lá as vezes dois três ou até mais e ajuda lá na secretaria,

Pesquisadora: de acordo com os princípio da LDB sobre educação infantil a escola aqui a creche que vocês chamam está cumprindo com o seu papel social?

Entrevistada: (+) ((ela fica séria depois dá um sorriso))

Pesquisadora: toda escola tem a sua intencionalidade de formar um cidadão participativo, de formar um cidadão crítico, de formar um cidadão que questiona seus direitos que conheça seus direitos e seus deveres, você acha que a escola está cumprindo com este papel de forma esse tipo de cidadão?/

Entrevistada: ainda não (+) a força de vontade sim mais na prática ainda não.

Pesquisadora: como você explicaria isso melhor?

Entrevistada: na prática ainda não até por que você ver que na teoria a gente fala muito nisso mais quando você se depara com aluno que tudo el:::, né/ tudo eles questiona você já passa a reclamar, então na prática NÃO, na teoria SIM a gente fala que quer isso quer que seja um cidadão ((não entendi))

Pesquisadora: você acha que a escola tem estrutura física para atender a demanda?

Entrevistada: não,

Pesquisadora: o que falta?

Entrevistada: falta esp:::co, primeiro começa pelo espaço que nos num temos, nós num temos uma sala adequada, num temos um pátio pras criança brincar, num temo banheiro pras criança usar, num temos um espaço pra eles fazer o lanche então tudo isso falta,

Pesquisadora: e você acha que isso influencia no processo de ensino aprendizagem da criança?

Entrevistada: ::lha ((não entendi)) eu acredito que sim por que você sabe toda vez que você se sente bem lhe proporciona um trabalho melhor se a gente vai trabalhar num lugar que a gente fica mais a vontade, né/ se sente bem lhe proporciona um trabalho melhor pra gente,

Pesquisadora: por que?

Entrevistada: por que falta também falta material pra trabalhar mermo com ele, material didático, jogos essas coisas assim tudo faz falta por que não TEM se você procurar uma bola num tem você que tem que fazer uma bola de sacola ou de meia pra trabalhar com as criança, né/ se você quiser fazer qualquer outra coisa você tem que utilizar o papelão pra fazer um::: dado pra fazer cartão pra trabalhar com eles, né/ ficha tudo eu fiz tem que sair de comércio em comércio pedindo caixa de papelão pré você poder providenciar alguma coisa pra trabalhar com eles,

Pesquisadora: quantos alunos você tem na sala?

Entrevistada: freqüente,

Pesquisadora: freqüente.

Entrevistada: hoje tenho vinte e UM eu tinha vinte sete mais aí foram embora eu to com vinte e UM,

Pesquisadora: você saberia dizer quantos desse vinte e um quantos são homens quantos são mulheres?

Entrevistada: são treze meninos os outros é menina,

Pesquisadora: tem cadeiras para todos na sala?

Entrevistada: hoje tem antes num tinha não mais hoje tem,

Pesquisadora: como é que elas são organizadas?

Entrevistada: a vonTADE eles fica as vez assim igual você ta veno em circulo e as vezes eles põem fica uma parte em circulo outra parte no meio as cadeirinhas / eu deixo eles a vontade, né / pra eles sentar as vezes fica um grupinho de três eles tiram tudo e fica grupinho de três de quatro de seis.

Pesquisadora: essa turma aqui é de quantos anos?

Entrevistada: de cinco e seis/ é de cinco anos que vão fazer seis anos ta tudo misturado,

Pesquisadora: e você acha que essas cadeiras são confortáveis pra eles/ pro tamanho deles/

Entrevistada: não, não são, não são quando era as outra as mesinhas com aquela cadeirinhas pequenas eles se sentiam mais a vontade até por que todo dia a gente é::: eu gosto de fazer com ele aquele (+) roda de conversa e as cadeirinhas até pra isso elas facilitavam mais e juntava deixava as mesas pra lá e juntava as cadeirinhas fazia tudo isso aí todo mundo contava sua historinha, né / a historinha de vida, né/ aí o que aconteceu a historinha que eles ouviram esses tipos de coisas já é como eles acham muito difícil pra arrastar eles reclamam muito que elas são pesadas pra eles,

Pesquisadora: a sala dispõe de algum mural?

Entrevistada: MURAL?

Pesquisadora: sim mural, mural, onde mural onde você prega algum tipo de informação?

Entrevistada: pra eles,

Pesquisadora: sim pra eles/

Entrevistada: não/

Pesquisadora: não dispõem

Entrevistada: não, o mural que nós temos é este cordozinho que a gente põem atividade não é todas é só aquelas assim que a gente alguma assim mais diferenciada a gente coloca muitas vez da banDERIA da Arvore alguma assim multicolage de de revista de jornal que agente faz as vezes a gente cola passa o dia a gente tira mais o mural que a gente tem é esse aí o cordozinho,

Pesquisadora: com certeza você deve trabalhar a produção da escrita com essas crianças e como você trabalha a produção da escrita?

Entrevistada: no caso você quer falar assim se eu trabalho é formação de texto ou ditado ou esse tipo de coisa?

Pesquisadora: isso

Entrevistada: eu trabalho mais com eles ditados só que eu num tem ((não entendi)) não sei se é pela idade ou se é eu que não sei pouco e não tem muito rendimento () alguns fazem o ditado, / alguns fazem, né/ eu vou ditando silaba, o ditado que faço com eles não é um ditado de palavras eu faço o ditado é de palavra mais formado por silaba eu falo primeiro uma silaba depois outra silaba por que eles ainda não tem MUlto ass::: muito desenvolvimento pra ta pra mim dizer a palavra qual é, eles sabe falar sabe o som da palavra mais ainda não sabe escrever a palavra toda, se eu falo a palavra toda eles não escreve correto eles deixa faltando letras sempre falta um letra duas as vez até três letra eles deixa faltar na ((não entendi)) eu sempre faço de três letra e de quatro as palavrinhas com eles, né/ dificilmente eu coloco de seis,

Pesquisadora: as palavras que você trabalha são palavras que eles pronunciam no dia a dia ou são palavras que você acha que eles deveriam aprender?

Entrevistada: geralmente eu faço mais palavras de animais, animais objetos do dia a dia que eles conhece tipo dado, caVALo, Pata e assim ((não entendi)) boi,

Pesquisadora: e como você /

Entrevistada: aí depois a gente VAI rever, né/ ai tem, / o meu dificuldade maior é por que tem uns que faz não é que TODOS não saibam num der conta de copiar mais nem todos sabe eles só fala tem uns que fala eu não sei e não tenta por quando você não sabe mais você tenta é mais fácil de você aprender mais quando você fala eu não sei e não tenta por mais que eu explique pra ele que tudo nós aprendemos tentando que a gente nasce num sabe FALAR num sabe andar num sabe cantar esses tipos de coisas num sabe comer com as próprias mãos aprendeu tentando tem uns que eu consigo

com esse argumento ele tentar e tem outro que baixa a cabeça e não faz de jeito nenhum por que diz que não sabe ai aquele fica meio aí depois quando eu vou tendo mais um tempo pegando o caderno de cada um e vendo as palavras coRRetas escrevendo a que ele fez e a que eu sei fazer pra que ele ver a diferença lá no quadro aí aquele que num fez de jeito nenhum por que eu não sei pega o lapizinho dele e vai copiando tudo lá do quadro,

Pesquisadora: como você percebe que os aluno reagem a essa escrita ao seu ditado que você faz?

Entrevistada: quando eles conseguem fazer uma palavrinha certa igual a que eu faço é uma alegria só,

Pesquisadora: e quando não conseguem?

Entrevistada: quando num conseguem eles fala que faltô , faltô uma palavra uma letra tia aí ele ver e que eu fiz e a que ele fez, né/ faltô uma letra tia faltô uma letra que letra? Aí eles fala qual é a letra, ne/ aí eu vô lá e onde vô colocar aí a gente junto vai LÁ e coloca aonde ele esqueceu de colocar a letra por que aí já num é só aquele já é todos que vão ver LÁ a letrinha que falta e aonde o lugar onde vai colocar,

Pesquisadora: como você disse que não trabalha texto só trabalha ditado de palavras, né/

Entrevistada: não formação de texto E::u não vou falar uma coisa que eu falo e você vem aqui comigo e com eles você não vai ver eu falo uma coisa se eu te falar você vai vim e vai VER,

Pesquisadora: então no caso você:: e:: não trabalha com a produção de texto só com o ditado de palavras?

Entrevista: eu trabalho com texto mas aquele (+) aquele TEXto que eu faço a tarefinha e escrevo um textozinho do lado tipo uma lenda uma parlenda piquinininha ou que seja uma historinha mesmo mais curtinha do lado aí eu ‘trago eu leio pra eles depois eu escrevo no quadro e nos faz a leitura juntos dali eu vejo se dar pra tirar algumas sílabas ou algumas outras palavrinhas que vai daquela sílabe formar LÁ na frente esse tipo de coisa mais na hora de produzir um texto não,

Pesquisadora: ((não entendi))

Entrevistada: não,

Pesquisadora: mais assim você trabalha algum tipo de musica com eles algum tipo de construção duma historinha mesmo que oralmente?

Entrevistada: oralmente eu trabalho aSSIM pra cada um contar sua própria história as vezes eu escrevo lá com eles/

Pesquisadora: ele contado e a senhora escrevendo/

Entrevistada: é as vezes eu escrevo no quadro (+) e as vezes fica só na roda de conversa cada um conta a sua história aí depois a gente vai fazer a nossa oração ai canta algumas musiquinhas e vai começar as nossas atividades,

Pesquisadora: já vai fazer quase um ano que a senhora está com essa turma quantas vezes você já tem percebido aquele aluno que tem uma melhor desenvoltura na leitura aquele que ler mais aquele que ler menos você já percebeu? /já diretamente?

Entrevistada: já, já eu tenho três alunos que se destacam,

Pesquisadora: tem três dentre eles quantos homens quantas mulheres?

Entrevistada: dois homen e uma mulher, que se destacam já em leitura mesmo ler já palavrinhas de três silaba que eu já tenho que passar atividade pra eles diferenciadas do outro eu trago a::: aquela rodada eu trago igual mais nu caderno a deles três é diferenciada por que eles estão bem mais avançado tanto na leitura como na parte da matemática (+) a atividade deles é igual mais quando é mimiografada mais no caderno é diferenciada por que eles três estão avançado eu passo igual a dos outros eles termina rapidim a menina não ele não sabe ((não entendi)) mais os dois mininos num deixa eu fazer mais nada dando trabalho mexendo com os outro colegas,

Pesquisadora: e o que fez a senhora perceber que esses três alunos tem o nível mais avançado que os outros?

Entrevistada: a leitura a medida que ele faz a::: a leitura::: individual,

Pesquisadora: ((nesse momento entra uma mãe na sala e da boa tarde e a professora responde com uma boa tarde)) você acha que o nível de escolaridade dos pais influenciam no ensino aprendizagem dessa criança?

Entrevistada: muitas vezes o nível de escolaridade (+) por que tem pai mesmo sem ter o grau de escolaridade ele é mais preocupado com a educação do seu filho do que o que tem eu eu:: num num sei qual é o argumento que eu vou ter deve usar mais tem um pai que mesmo sem ele ter estudo ele se preocupa em acompanhar o filho saber a tarefa que o filho levou pra casa pó pra fazer vim com o professor saber se o se acriança ta fazendo a atividade, né se a criança ta levando atividade pra casa e tem outro que é::: até formado mais não pisa de jeito nenhum no colégio pra saber como ta seu filho, /

Pesquisadora: é freqüente a reunião de pais?

Entrevistada: não pelo meno aqui no ensino infantil NÃO esse ano todim nos tamo chegando o final do ano teve uma reunião pode perguntar a Goreth que ele trabalha aqui também sabe ((não entendi)) aí os pais assinaram os boletim foi no segundo bimestre aí ficou deles vim no primeiro ficou deles vim no segundo já não vieram e no terceiro até agora também não,

Pesquisadora: ((nesse momento vem um aluno e pergunta sob um livro que estava na cadeira da professora e ela diz é um livro pode sentar fica a vontade pode ler ele)) como você avalia esse processo dos pais não serem convidados pra vim para escola?

Entrevistada: bom ia eu não posso te falar nada por que eu acredito que seja uma parte de coordenação e direção que são os responsáveis que ainda que o professor queira mais o professor não tem autonomia pra ele pegar e convidar os pais dos alunos pra fazer uma reunião aqui nessa sala até por que nem o coordenador nem a direção não vai admitir isso que cada professor faz /(+) cada professor/ (+) cada professor faça a reunião na sua sala,

Pesquisadora: quer dizer que a senhora não se acha autônoma pra convidar os pais pra vim para reunião por que a senhora acha que isso vai implicar/ a sua relação?

Entrevistada: se o coordenador desse autonomia pa cada professor como a gente tem reunião com o coordenador dissese VOCE tem autonomia pra cada professor quize fazer reunião com os pais de seu alunos convidar e fazer a sua reunião é:: todo mês eu fazia ou então um mês e outro não mais o viável seria todo mês pelo menos ou no final ou na primeira semana na primeira ou na ultima semana seria MUITo bom e ajudaria MUITO,

Pesquisadora: então pelo que você conta ((não entendi)) so para deixar os filhos na escola, então/

Entrevistada: uma boa parte não vem nem DEIXar a criança vem mais o filho do vizinho ou vem sozinho aí quando no chega o final do ano tem aluno ((não entendi)) no final do ano que a gente vai ver o pai pra saber se o filho dele vai passar pra outra escola ou se vai permanecer aqui aí chega perguntando quem é o professor do fulano por que ele quer saber se o filho vai permanecer aqui ou se vai pra outra escola,

Obs: segunda parte da entrevista com a professora Ana

Pesquisadora: boa tarde. Dona Raimunda eu gostaria se saber como você já falou uma vez que trabalha a escrita fazendo ditado de palavras eu gostaria de saber quantas vezes por semana a senhora trabalha com ditado de palavras?

Entrevistada: tem semana que a gente trabalhamos três vezes, tem semana que a gente trabalhamos duas e tem semana que a gente faz a semana TODA todo dia é a primeira atividade é o ditado ai depois do ditado a gente faz a atividade.

Pesquisadora: quanto tempo a senhora leva para fazer um ditado?

Entrevistada: não levo muito tempo por que eles ainda tão piqueno entÃO eu faço com eles no máximo 10 palavras, palavrinhas de duas silabas de três silaba ai depois nos vamos corrigir juntos/

Pesquisadora: isso leva mais ou menos quanto tempo pra senhora fazer dez quinze vinte minutos?

Entrevistada: vinte minutos (+) tem uns que tem dificuldade não todos tem uns que é mais rápido mais tem outros que ainda tem dificuldade (+) com as letrinhas fica perguntando qual é a letrinha de colocar a duvida tem as duvida das letrinha,,

Pesquisadora: assim a gente sabe que toda atividade que a gente desenvolve em sala de aula tem um objetivo e qual o objetivo que a senhora tem em fazer esse ditado com as crianças?

Entrevistada: o objetivo é que eles ((não compreendi)) desenvolver o conhecimento a leitura certo e a interação deles com a escrita e que eles venham aprender a leitura por a gente faz o ditado depois a gente vai corrigir pra ver o que ta certo o que ta errado quem não copiou correto né,, e o que precisa modificar (+) então o objetivo é desenvolver as duas coisas ((não compreendi)) a leitura a escrita deles né ((não compreendi)) esse é o objetivo

Pesquisadora: você já pensou em trabalhar a produção de texto ao invés do ditado?

Entrevistada: ah! ((não compreendi))

Pesquisadora: por quê? (+) não sabe por quê? ((a entrevistada não soube responder)) a senhora trabalha, por exemplo, em algum momento a senhora trás livro, revista para eles manusearem, folhearem recortarem/

Entrevistada: isso sim a gente trabalha,, geralmente toda semana a gente faz um trabalho de recorte e colagem ou recorte de numero ou de letra ou então cubrir um desenho com um bolinha,, uma arvore uma bandeira de bolinha de papel ou outra atividade ou a pintura com arte pra eles fazer pintura por que não tem pincel eles pinta com o dedim ou cubrindo o próprio nome com a tinta guache,,

Pesquisadora: você acha que a partir do desenho é uma forma da a criança desenvolver a escrita a partir do desenho?

Entrevistada: dependendo do desenho se for ele próprio que vá cobrir aquele desenho que vá fazer aquele desenho Agora se ele recebe pronto aí já É diferente ai ele vai SÓ pintar o rabisco dele vai desenvolver a coordenação ((não compreendi)) agora ASS:::m se for pra ele mesmo deseNHAR ajuda,, ele vai ta sempre né ((não compreendi))

Pesquisadora: quando a senhora faz o ditado de palavras você exerce alguma relação com as demais atividade por exemplo com atividade de matemática, com atividade de ciências você relaciona o ditado com essas outras atividades?

Entrevistada: nem sempre,, nem sempre mais tem vez assim que eu utilizo tem dia (não compreendi) a gente faz ai depois a gente vai contar as letrinhas né conta as palavrinhas pra ver quantas palavrinhas nós formamos conta as letrinhas que tem em cada palavrinha as vezes eu utilizo (+) mais NÃO SÃO SÓ ((não compreendi))

Pesquisadora: que relação tem esse ditado de palavras com as demais atividade da vida das crianças?

Entrevistada: o ditado geralmente o nosso ditado é palavrinha conhecida que ele conhece tipo DAdo dedo CANEta assim essas palavrinhas que eles conhece PAto GATO eu utilizo por que eu sei que eles conhecem pó que eu acredito que seja mais fácil pra eles

Pesquisadora: eles conseguem relacionar essas palavras ao cotidiano deles?

Entrevistada: é ao conhecimento que eles tem ,,

Pesquisadora: quando mandamos os nossos filhos para escola a gente espera que eles aprendam o básico e esse básico é o lê e o escrever. Como você ver essa expectativa nos pais em relação aos filhos deles em relação a escrita (+) por exemplo quando o pai vem para escola trás o filho né a gente tem intencionalidade de nossos filhos aprenderem a lê e escrever aqui na comunidade por exemplo a senhora observa os pais que perspectiva que ele tem em relação os filhos aprenderem a lê e a escrever?

Entrevistada: tem muitos pais que são B:::M é::: como é::: que a gente fala é bem PREocupado com esse parte eles vem na escola saBE:::R se tem aula se tem atividade para casa se a criança leva ele ajuda a fazer a atividade a desenvolver aquela atividade se não é possível no OUtro dia ele vem trazer a criança e explicar por que não foi feito aquela atividade mas tem um outros pai com já falei a você a preocupação dele é só mandar a criança pra escola até pra::: ficar um tempo mais desocupado para fazer alguma coisa,, é tanto que a aula aqui é UMA HORA que entra uma hora a criança chega ONZE horas onze hora e meia,, então aqueles pais que faz isso ele só mandam a criança, criança leva atividade noutra dia trás do mesmo jeito a expectativa deles é só mandar e no final do ano saber se vai pra outra escola ou se vai permanecer no ensino

infantil não é aquela preocupação ASSIM eu tenho que ajudar o meu filho por que pra ajudar no conhecimento desenvolver o conhecimento do meu filho pra que ele tenha uma boa base. (+) na concepção deles o professor faz tudo mando lá o professor se vira lá se o menino aprender aprendeu se não aprendeu não depende de mim essa responsabilidade ((não compreendi))

Pesquisadora: você procura atender essas expectativas dos pais?

Entrevistada: na medida do possível sim,, mais você sabe que não é CEM por cento não é possível né,,

Pesquisadora: e de que forma você tenta atender essas expectativas?

Entrevistada: todos os dias quando eles chegam eu procuro ver se eles fizeram as atividades correção aquele que não faz eu boto pra fazer enquanto eu to com os outros fazendo as atividades aquele que não fez a atividade vai fazendo a sua atividade ((a fita acabou antes da professora concluir o pensamento e quando troquei de lado ele não continuou mais))

Pesquisadora: dona Ana todos nós temos expectativas em relação à aprendizagem das crianças assim como o pai tem expectativa em relação ao filho, a professora tem em relação ao aluno a senhora já percebeu se o aluno demonstra alguma expectativa?

Entrevista: eles começam a conhecer as letrinhas eles ficam muito felizes vem mostrar olha aqui o T , olha o T professora o T as vezes eles vão pra casa quando a gente vai fazer a leitura eles chega e fala profeSSO::ra eu já conheço professora essa letrinha eu sei é B é o D é o T as vezes é o A né, é o A que é o cotidiano que a gente acha que é fácil mas pra eles não é tão fácil que é tanto que quando eles descobrem que conhecem o A realmente pra eles é uma felicidade vem mostrar escreve sozim o que que eu fiz sozim em casa é o A ta certo é o A, ou seja pra eles é uma felicidade ele também tem as expectativas deles de aprender,,

Pesquisadora: quando a senhora vai utilizar a sala de aula a gente sempre utiliza métodos para gente ensinar nossos alunos a lê e a escrever. Tem um método que a senhora acha mais fácil tem um método que a senhora acha mais difícil?

Entrevistada: (+) olha eu acho assim que o método que utiliza jogo, brincadeira se torna mais fácil por que eles aprende brincando pra eles não é cansativo

((não compreendi)) quando tem jogos eu acho que é bem mai::s produiti"vo e menos cansati"vo e mais prazerosa pra eles((não compreendi)) aqui tem algumas que ::eu eu confeccionei é tanto que no dia que é isso AVE MA::ria pra eles é uma coisa muito boa por que pra eles é uma brincadeira alegria que só,,

Pesquisadora: quer dizer que a senhora trabalha uma vez na semana jogos e brincadeiras?

Entrevistada: Jogos e brincadeiras,,

Pesquisadora: quantos tempo a senhora/

Entrevistada: tem letras tem jogos de caixinhas de/

Pesquisadora: quanto tempo tempo a senhora leva para desenvolver essa atividade?

Entrevistada: sempre eu utilizo uMA ho::ra com eles,,

Pesquisadora: uma hora de atividade lúdicas?

Entrevistada: é uma hora de atividade lúdica (+) as vezes as vezes eu utilizo até duas vezes por semana as vezes na te::rça e na sexta-FEIra (+)

Pesquisadora: a senhora procura atender as expectativas dos alunos?

Entrevistada: e::u procuro só não sei se eu consigo isso eu não sei pra dizer mais eu procuro,,

Pesquisadora: e de que forma a senhora/

Entrevistada: por que como eu sei que eles gostam muito da brincadeira sempre tem toda semana a gente tem a brincadeira lá fora né brincadeira de roda, quando tinha bambolê tinha de bambolê a gente pedia emprestado tinha de bambolê, tinha brincadeira do:: do coelho sai da toca que eles gostam muito que é brincadeira que é lá fora né que as vezes a gente utiliza brincadeira de roda eles gostam muito de brincadeira de roda, do SApo são atividades que eles gostam né no dia que a gente propõe eles aceitam bem,,

Pesquisadora: e essa atividade geralmente a senhora faz dentro ou fora da sala de aula?

Entrevistada: quando é::: a bo"la o bam"bole:: do coelho sai da to"ca geralmente é lá fora (+) quando é de roda é aqui dentro da sala a gente só pega as cadeiras e coloca tudo no pé da parede deixa o espaço livre aí nós brinca dentro da sala quando eu trago brinquedo uma colega me deu uns boné:::co alguns brinquedos né ((não compreendi)) aí no dia que eu trago também os brinquedos eu coLOco,, coLOco as cadeiras no pé da parede aí trago o saco de brinquedo o saco ou uma sacola aí abro e libero pra eles,, sempre depois do recreio eles terminam de lanchar ao invés de ficar brincando lá fora trás pra cá pra brincar aqui dentro da sala/

Pesquisadora: e quando a senhora trás esse brinquedos qual o objetivo desses brinquedos em sala de aula?

Entrevistada: o objetivo é que eles fiquem interagindo com aqueles brinquedos até por que são os brinquedos LÁ::: da ciDAde ne os que eles estão habituados aqui tem brinquedos que é acende a luz um BRINQUEdo diferentes que é diversificado dos brinquedos daqui da da da zona rural ((não compreendi)) prazeroso,,

Pesquisadora: quando a senhora fala os brinquedo lá da cidade não é igual os brinquedos/

Entrevistada: por que daqui mais é::: é uma lata de sardinha que a gente conseguiu fabricar com eles é uma garrafa PEte que a gente faz os pneus pra brincar com eles é brinquedos assim que a gente utiliza assim ou então a gente pega ((não compreendi)) e faz um brinquedo de enCAIxe pra brincar com eles aqui ou aprega uns palitinhos faz né canudinhos recorta aprega nas garrafas né com a tina que é pra brincar com eles fazer jogo de boliche ou seja os brinquedos aqui são brinquedos que a gente MESmo confecciona né e os brinquedos de lá são industrializados que compra lá feira,,

Pesquisadora: quando vocês vão/

Entrevistada: são usados mas são brinquedos que pra eles é uma felicidade só

Pesquisadora: quando vocês vão confeccionar esses brinquedos latinhas esses pneuzinhos de borracha a senhora constrói junto com os alunos ou a senhora constrói individualmente e trás para sala de aula?

Entrevistada: (+) sempre eu Faço é:: aqui na creche mais depois na sala

Pesquisadora; a senhora faz de forma individual então, não coletiva com os alunos?

Entrevistada: por que eles são pequenos apesar de que essa turma é bem interativa se propor eles ajuda a fazer por que quando aSSIM quando eu peço para eles trazer as garrafas eles TRÁS eles trás garrafas eu peço pra eles trazer tampa pra fazer trabalho eles trás ou seja tudo que a gente propõe eles tão sempre interagindo eles não são aquele meninos que você propõe e eles não aceitam eles sempre aceitam e dão a resposta,,

Pesquisadora: como é que a senhora avalia já que o ano está terminando essa turminha que a senhora trabalhou?

Entrevistada: ah! eu to muito feliz com eles por que eles desenvolveram muito eles já já conhecem os números de:: zero a DEZ tem uns que já conhece até o VINte mesmo tenho três que já vai até o numero TRINta desenvolveram melhor do que os outros que já vão até o numero TRINta enTÃO fico feliz por que eles já conhecem A's letrinha são poucos que não conhece o alfabeto completo a família silábica tem uns:: QUATro que já LÊ palavrinhas ATÉ de TRÊS sibla, fza continua em"TÃO to muito feliz com a minha turminha (+) até que aquele pequeninim de três ano ele já conhece o A já ta interagindo com as vogais com os numero também então já cobre sozinho não precisa mais pegar na mãozinha dele já cobre sozinho já PINta sozinho to gostando da ((não compreendi)) não ta igual ao é que a gente espera mais né que já saia lendo correto num tá mais só assim do inicio do ano eles melhoraram muito desenvolveram muito GRAças a DEUS,

